


CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04

G E S T Ã O
TransFORMAÇÃO


i o r n a l d o
P S I C Ó L O G O

BELO HORIZONTE, ANO 13 • Nº 52
MARÇO / ABRIL 1996


**DROGAS:
ENTREVISTA COM
FERNANDO GABEIRA**




**Eduardo
Gontijo aborda
as relações
entre "Luto e
Sabedoria".
Página 11**



**Atestados
emitidos por
psicólogos?
Veja
matéria na
página 15**



**Conheça as
novas seções
do JP -
"Parabólica" e
"Memória".
Páginas 5 e 16**



**Lúcio Marzagão
convida à
reflexão sobre o
objeto da
Psicologia.
Página 13**

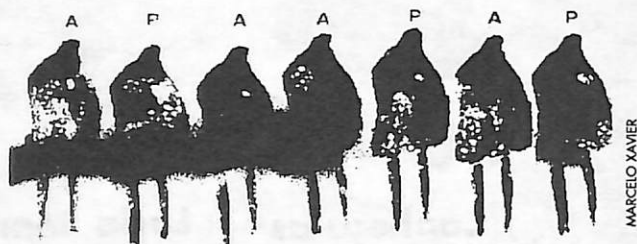


MARCELO XAVIER

Atenção, empresas que trabalham com Recrutamento, Recursos Humanos, Relações Humanas, Seleção e Treinamento inscritas no CRP-04: tendo em vista as ameaças de processos por parte do Conselho Regional de Administração/MG com o objetivo de obrigá-las a se inscreverem na citada entidade, o 8º Plenário do CRP-04, reunido nos dias 1º e 2 de março, discutiu a questão e concluiu que essa é uma cobrança arbitrária e injustificável.

Analisando as leis 4.119 e 4.769, o Plenário constatou que as áreas afetadas estão na interseção entre a Psicologia e a Administração, e podem ser exercidas pelos profissionais das duas categorias. É garantido o exercício dessas atividades aos administradores, desde que não sejam empregadas técnicas ou métodos psicológicos, que são de uso privativo dos psicólogos (art. 13, 1º da lei 4.119/62).

Assim, o CRP-04 orienta os psicólogos da 4ª Região a não cumprirem qualquer determinação do Conselho Regional de Administração e a buscarem a proteção judicial, caso se verificar qualquer tentativa de lesão a seus direitos. Maiores esclarecimentos podem ser obtidos com a assessoria jurídica do CRP-04, pelo telefone (031) 261.1146, de 13:30 às 17:30 horas.



O Conselho Federal de Psicologia, juntamente com os Regionais, já está preparando o II Congresso Nacional de Psicologia, que acontecerá de 27 de agosto a 1º de setembro de 1996.

O evento dará continuidade ao I Congresso Nacional de Psicologia, que teve caráter constituinte, realizado há dois anos atrás. Os congressos regionais, que deverão preceder o nacional, constituem-se em etapas preparatórias e serão realizados até o dia 16 de junho.

Os interessados em participar do processo devem ficar atentos para a divulgação dos locais e datas dos microcongressos, a ser feita em breve via JP e mala direta.

EDITAL - COMUNICAÇÃO

O Conselho Regional de Psicologia - 4ª Região, no uso de suas atribuições legais e regimentais, por sua presidente abaixo-assinada, vem comunicar aos psicólogos e à sociedade em geral que a psicóloga **Solange dos Santos Tresbach**, CRP-04/5130, estará impedida de seu exercício profissional no período de 11/03/96 à 11/04/96, em razão de processo ético disciplinar CRP-04 - 005/93, julgado pelo Conselho Federal de Psicologia no dia 28/10/95.

Antonietta Guimarães Bizzotto - *Conselheira-presidente do CRP-04*

Fernanda Otoni de Barros - *Conselheira-presidente da Câmara de Ética do CRP-04*

EM TRANSFORMAÇÃO

A gestão **TransFORMAÇÃO**, que se iniciou em setembro de 1995, surgiu a partir dos trabalhos realizados pelo 7º Plenário, gestão **Psicodiversidade**, quando nos vimos implicados e responsáveis pelos caminhos que tomara o Congresso Constituinte.

Integram o 8º Plenário alguns Conselheiros da gestão passada e outros que vieram ao longo do Processo Constituinte. **TRANSFORMAÇÃO** é uma palavra que nos remete à idéia de se ultrapassar a ação e a formação, e a isto nos propomos: a uma ação transformadora aliada à complementariedade de ações iniciadas na gestão anterior.

Estamos entendendo o Conselho como uma instância que possa instigar a discussão entre os profissionais que o mantêm e dele participam, trazendo para o nosso espaço debates norteados pela *Ética, Cientificidade e Qualificação Profissional*, porque acreditamos que o psicólogo, como um profissional de promoção de saúde em qualquer atuação que exerça, deve procurar cada vez mais atualizar-se em termos científicos, técnicos, éticos e pessoais, ou seja, buscar melhorar sua qualificação profissional, e portanto teremos todo o empenho no apoio e fomento de iniciativas que objetivem esta qualificação.

Em nosso programa de ação temos alguns norteadores, como: o levantamento e cadastramento de profissionais e áreas de atuação (ver matéria na página 4); a criação da Casa do Psicólogo, antigo sonho da categoria; a implementação de metas quanto à formação profissional; a participação na definição de políticas públicas de saúde e das Políticas Sociais que interessem à maioria da população, especialmente o Movimento de Luta Anti-Manicomial; e ainda pretendemos dar continuidade à divulgação científica, visando uma maior circulação do conhecimento produzido no campo da Psicologia; e constatada a grande aceitação do *Jornal do Psicólogo*, manter e fortalecer o mesmo, assim como divulgar na mídia, sempre que se fizer necessário, o posicionamento e possíveis intervenções transformadoras do CRP-04 em fatos que interessem à Sociedade.

Além disso, estamos passando por uma série de reformulações administrativas - melhoria dos serviços de informática, de telefonia e principalmente a agilização do funcionamento dos escritórios, com o intuito de melhorar a qualidade do atendimento.

Temos muito pouco tempo até agosto, quando se realizará o *II Congresso Nacional da Psicologia*, e estaremos concentrando esforços para que Minas Gerais e Espírito Santo possam participar com grande representatividade.

Convidamos todos os psicólogos a participar do processo, pois assim poderemos realmente atingir todas essas transformações!

VIII Plenário - TransFORMAÇÃO

As mudanças do Jornal do Psicólogo

Após uma temporada sem circular por motivos eminentemente técnicos, o JP está de volta à praça. Como o jornal já havia conquistado ampla aprovação junto a seu público, foi necessária muita coragem para "mexer em time que está ganhando" e correr o risco de desagradar. Mas o desejo de abrir espaços para a construção do "novo", assim como o de que nosso jornal esteja constantemente em processo de maturação, mais uma vez orientou a nossa escolha. E agora, temos o prazer de apresentar os resultados.

Durante esta fase de "recolhimento", o JP teve a sua linha editorial e gráfica repensada, quando procuramos aperfeiçoá-lo. Daí surgiram mudanças, todas no sentido de oferecer ao psicólogo um jornal voltado para suas necessidades, sintoniza-

do com as questões da Psicologia.

Assim, o JP teve o seu projeto gráfico avançado. Projeto este que já era considerado "de ponta", principalmente em termos de jornais institucionais. Ao reformular o JP, o artista plástico Marcelo Xavier, que criou o projeto anterior, procurou tornar o jornal mais leve, desenvolvendo uma linguagem visual mais "movimentada", mais solta, que não compromettesse em nada a sua qualidade editorial.

Dessa forma, o novo JP se apresenta em nova embalagem, mais colorido e mais ágil. Novas seções foram criadas, como a "Parabólica", que pretende nos informar a quantas anda a Psicologia no exterior, e "Memória", que pretende abrir espaço para o resgate da história da profissão. Outras foram ampliadas, como "Idéias", com espaço para dois autores, e "Livros", "Artefato" e "Entrevista". Esta última, bastante apertada no

projeto anterior, fica agora no miolo do jornal.

Os leitores que conheciam o projeto anterior irão notar que o "Suplemento Escuta" foi excluído desse novo projeto. Era um suplemento que a cada edição trazia um tema com artigos de vários autores. Optamos por retirá-lo do jornal e transformá-lo em uma revista que será editada pelo CRP-04. Com isso, o espaço de reflexão e produção oferecido pelo Conselho aumentará substancialmente.

Enfim, as mudanças avançam em direção a um "casamento" mais harmonioso entre textos e imagens, guiadas pelas necessidades e reais possibilidades da publicação. Aguardamos a repercussão junto aos leitores, assim como convidamos todos aqueles que queiram escrever no JP a enviarem seus artigos.

Ricardo F. Moretzsohn

Coordenador da Câmara de Comunicação Social

Em Revista desta edição, o psicólogo clínico e mestrando em Filosofia e Teoria Psicanalítica **Júlio Flávio Fernandes** comenta o filme "As Pontes de Madison", dirigido por Clint Eastwood. Acompanhe-o nesse passeio pelas inquietações da alma humana.

Sobre as pontes de Madison

Júlio Flávio de Figueiredo Fernandes

Assistir ao filme "As Pontes de Madison" proporciona um momento bastante especial e outro mais angustiante: o de pensar o que é tão instigante nessa obra, além de tudo o que implica uma feliz transposição de linguagens - do livro ao filme. Ao abandonar a preocupação, necessária no livro, de descrever fotografias com palavras, o autor do filme dá maior impacto ao conflito pessoal, subjetivo, tornando-o, literalmente, mais apaixonante.

Num enredo bastante simplório, evidencia-se o que de melhor há nas personagens: o que se convencionou chamar de "a alma". Esta, que pouco importa saber aqui se ganhou outros nomes ao longo da história humana, é, em si mesma, conflitiva. O filme a revela a ponto de sermos, ao assisti-lo, convidados, senão empurrados, a admitir como nosso também o problema, a angústia das duas personagens envolvidas.

O que o filme faz, pelo sutil realismo e pela delicadeza com a qual é tratada a paixão, é evocar a dimensão ética. O desejo, pulsante em forma de desejo do outro - o maravilhoso outro, esbarra, sem rodeios, na realidade - a dura realidade, devemos dizer.

Há uma decisão mas não há o que decidir. Aflorada a dúvida, o não saber vem acompanhado de uma desnorteante certeza. Como se ela, a dona de casa, e ele, o aventureiro, soubessem há anos e ambos duvidassem em igual grau. O que decidir? E, aos que assistem, como entender o que se passa no coração que comanda a mão que segura a porta que encerra a pergunta: "ele está esperando o quê?". E nada acontece, mas tudo acontece. Nada na cena do carro, da rua, da presença do marido. Tudo numa outra cena, essa irremediavelmente inacessível. Essa, justamente a cena que mais encanta. Ela aparece em algo que não consigo precisar, nas cores, no olhar da atriz, na angústia dos filhos, nas cinzas que se espalham sob a ponte, em tudo isso, enfim, é lembrado algo de universal que há nas dúvidas cruciais em que nos metemos.

O conflito que paira sobre as pontes de Madison foi já muito trabalhado em outras obras e é, portanto, muito conhecido daqueles que se dedicam a refletir sobre a condição humana. Escolho aqui, como auxílio para pensar o intrigante das decisões cruciais, dois aspectos da análise que faz Kierkegaard em seu livro "Temor e Tremor"¹. Ali a passagem bíblica em que Abraão leva seu filho para o sacrifício serve para exemplificar um tipo de decisão muito especial.

O primeiro aspecto dessa decisão é a impossibilidade de entendermos o ato de Abraão. Quando Abraão leva o filho para sacrificá-lo, a decisão de matar o próprio filho jamais seria entendida por qualquer outro. Por mais que permanecêssemos elocubrando possibilidades para os sentimentos e pensamentos que levaram Abraão a decidir, nada conseguiríamos.

Como entender, então, a certeza que transparece no ato de Abraão?

É um ato de paixão. A fé, explica Kierkegaard, é a mais alta paixão de todo homem:

"...crer é como amar, a tal ponto que no fundo, quanto ao entusiasmo, o mais apaixonado dos apaixonados faz figura de adolescente ao lado do crente. Olhai o homem que ama, olhai o homem que ora, a oração é uma beatitude que ultrapassa o entendimento".

Quanto às decisões, no ato de fé trata-se de viver o risco da escolha sem ter nada em que se apoiar, apenas escolher. Não há a interferência da bengala da razão. É algo que deixa de fora o "imperativo categórico da inteligência"².

É totalmente subjetivo qualquer comentário sobre a escolha de Abraão. Kierkegaard prova isso e aponta a paixão, a mais alta das paixões, que há em sua fé. A dona de casa que decide diante de um turbilhão de emoções participa de um momento tão crucial quanto o de Abraão, justamente porquê é a paixão que a desperta, é o fogo do desejo que a lembra de uma pergunta sobre suas origens, muito mais que históricas, ou geográficas, sua origem de ser de desejo, ser de liberdade, ser moral.

Nessa direção tenho pensado o que tanto instiga, inspira, provoca nesse filme. Uma bela lembrança de que à dimensão ética, e à reflexão ética, interessam de perto os temas do desejo e suas imbricações com a realidade. O filme é transbordante deste conflito.

Ouvi alguém dizer, logo na saída do cinema: "Se ela fosse com ele não haveria livro, não haveria filme..."

¹ SOREN KIERKEGAARD, em *Temor e Tremor*. Analisa três exemplos tirados da história da Cultura para representar as três formas de existência. Don Juan, a existência estética. Agamenon, o grego que sacrificou a filha em prol da Grécia, a existência ética, e Abraão, a existência da Fé. Nos três casos, refere-se Kierkegaard a momentos de escolha onde a subjetividade está em jogo. Os atos de D. Juan, que busca o prazer sensual, e de Agamenon, que age em prol da Grécia, são de fácil compreensão. Com Abraão, que não é assassino e nem quer salvar nenhum povo, algo de mais interessante, na escolha de Kierkegaard, acontece: um ato de fé.

² Em outra passagem, no livro *Desespero Humano*, Kierkegaard diz que aos gregos, dentre eles especialmente a Sócrates, para falar da origem do desespero humano, do "pecado", faltou "a vontade, o desejo; a intelectualidade grega era demasiado feliz, demasiado ingênua, demasiado estética, demasiado irônica, maliciosa (...) demasiado pecadora para chegar a compreender que alguém, tendo o seu saber, conhecendo o justo, pudesse cometer o injusto. O helenismo dita um imperativo categórico da inteligência".



MARCELO KRAISER

CRP-04 inicia recadastramento de inscritos

Com o objetivo de atualizar os dados cadastrais dos psicólogos da 4ª Região, o CRP-04 enviará a todos os seus inscritos um formulário a ser preenchido e devolvido no Conselho. A decisão é objeto da Resolução CRP-04 nº 04/96, que vem cumprir as determinações da Resolução CFP nº 001/96. Esta última, por sua vez, institui a obrigatoriedade do recadastramento profissional.

O recadastramento permitirá ao Conselho a ampliação dos dados disponíveis sobre a profissão, em especial no que diz respeito à formação e ao exercício profissional, possibilitando, assim, a composição do perfil do psicólogo da região. Além disso, ele deverá solucionar situações problemáticas decorrentes do cadastro desatualizado, como a impossibilidade de comunicação entre a autarquia e o psicólogo devido a endereços e telefones já mudados.

O formulário deverá ser preenchido e enviado ao CRP-04 até o dia 15 de maio. O Conselho fica na Rua Tomé de Sousa, 860/1001, na Savassi, em Belo Horizonte. Caso exista alguma dúvida quanto ao processo, o psicólogo deve contactar a coordenadoria técnica do CRP-04, pelo telefone (031) 261.1146.

Psicologia Hospitalar será debatida em Minas

Belo Horizonte sediará, de 1º a 4 de maio de 96, o III Congresso Brasileiro de Psicologia Hospitalar. O evento pretende abranger os principais aspectos do trabalho do psicólogo que atua nesta área e reunirá profissionais de todo o país, especialmente de Minas Gerais.

De acordo com a psicóloga Marisa Decat de Moura, que preside o evento, o Estado já tem uma qualidade de trabalho que justifique o Congresso - "estamos em um movimento muito rico de produção, e os hospitais estão interessados em debater o tema. Temos muitos profissionais bons e trabalhos sérios e ainda desconhecidos que precisam ser divulgados. Nada de Minas trabalhar em silêncio", enfatiza.

Os temas a serem abordados deverão debater o caráter específico desta área de atuação do psicólogo - o sujeito no espaço da instituição hospitalar, tanto paciente quanto profissional e familiar. A maioria das palestras serão de profissionais de Minas Gerais, mas estarão presentes também psicólogos de São Paulo, Distrito Federal, Paraná e Argentina, todos com vasta experiência na área. Durante o evento serão apresentados temas livres de oito estados do Brasil. São 30 trabalhos inscritos de participantes de fora de MG, 15 de Belo Horizonte e 15 do interior de Minas.

Na programação destaca-se o Fórum Clínico a se realizar no último dia. De acordo com Marisa Decat, o Fórum, que reunirá 17 hospitais de Belo Horizonte, pretende abrir espaço "para que os hospitais possam falar da sustentação teórica do seu trabalho. Sair do "achismo" em busca de uma sustentação teórica mais rigorosa", conclui. Estão programadas, também, mesas interdisciplinares que contarão com a participação de outros profissionais da área hospitalar, em especial os médicos.

O III Congresso Brasileiro de Psicologia Hospitalar, uma co-promoção do Instituto Sedes Sapientiae/SP, Centro de Psicoterapia Existencial/SP e Hospital Mater Dei/Belo Horizonte, conta com o apoio do CRP-04 e será realizado no Real Grande Hotel (Rua Espírito Santo, 901). Maiores informações sobre o programa e inscrições com a Lummi Assessoria, pelo telefax (011) 257.7956 ou com Marisa Decat pelo telefone (031) 292.3090.

Histórico da Psicologia Hospitalar em MG

Paralelamente ao Congresso, está sendo organizada uma pesquisa que pretende resgatar o histórico da Psicologia Hospitalar em Minas Gerais, um Estado onde essa especialidade vem ganhando espaço e com hospitais utilizando o trabalho do psicólogo há mais de 20 anos.

A equipe responsável pela pesquisa solicita aos psicólogos que trabalham ou já trabalharam com atendimento a pacientes hospitalizados que entrem em contato com a psicóloga Eunice Miranda pelo telefone (031) 241.1568. A equipe pretende apresentar os dados conseguidos durante o Congresso, e precisa da colaboração de todos os que atuam na área.

MOVIMENTO ANTIMANICOMIAL

Forças contrárias tentam barrar Lei Carlão

A lei que determina o fim dos manicômios em Minas Gerais, mais conhecida como Lei Carlão, depois de ser amplamente discutida pelos diversos segmentos que trabalham com Saúde Mental, tramitar e ser aprovada pela Assembléia Legislativa de MG, receber sanção no dia 18 de janeiro de 95 e regulamentação em julho de 95, ainda espera pelo último golpe de caneta das mãos do secretário estadual de saúde, Rafael Guerra, para ser totalmente legitimada.

A Comissão de Regulamentação nomeada por Rafael Guerra, formada por setores favoráveis e contrários à lei, debruçou-se sobre o documento de abril a julho de 95, período em que as últimas dúvidas foram discutidas e esclarecidas. Desse trabalho resultou uma minuta de regulamentação da lei, encaminhada para o setor jurídico da Secretaria Estadual de Saúde, onde aguarda a assinatura do secretário.

De acordo com a psicóloga Marta Elizabete de Souza, membro do Fórum Mineiro de Saúde Mental, "a regulamentação da lei não entrou em vigor por questões de interesses políticos. Os setores contrários à sua aprovação estão pressionando o secretário para que ele não sancione a regulamentação. Mas a lei já está em vigor. A regulamentação não é condição para que a lei vigore", esclarece.

Paralelamente a isso, foi publicado no "Minas Gerais" de 21 de novembro de 95 um projeto de lei do deputado Heli Tarquínio (PSDB), que votou favorável à Lei Carlão e agora propõe um substitutivo que a revoga. Para Marta Elizabete "isso é uma coisa absolutamente descabida, pois a lei anterior foi sancionada, regulamentada mas não teve a sua regulamentação instituída, portanto não houve sequer tempo hábil para ela ser testada". A psicóloga ainda ressalta que "por ser o Brasil um país onde há um desrespeito muito grande às questões legais, acontecem episódios como esse". Mas o Fórum Mineiro está tomando medidas para neutralizar esse projeto de lei.

A Lei Paulo Delgado

A lei de extinção dos manicômios em âmbito nacional, em trâmite no Senado, foi votada no dia 23 de novembro de 95 e perdeu na Comissão de Assuntos Sociais para um substitutivo de lei do deputado Lucídio Portela, que segundo Marta Elizabete, "no fundo, mantém a estrutura hospitalocêntrica, que é o cerne da questão".

O projeto do deputado Paulo Delgado com as emendas do senador Lúcio Alcântara sofreu uma grande pressão da Federação Brasileira de Hospitais e de familiares de usuários do Rio de Janeiro, o que se explica, de acordo com a psicóloga, "pelo fato do Rio ser um Estado muito desarticulado em termos de serviços de saúde, totalmente sem condições de viabilizar o SUS, o que não é a realidade de outros Estados brasileiros, que têm avançado em relação à Saúde Mental".

Após o projeto ser rejeitado pela Comissão, o Movimento de Luta Antimanicomial decidiu se manifestar, organizando um caravana que foi até Brasília no último dia 13 de março. Cerca de 250 militantes do movimento, após superarem dificuldades para entrar no Senado, participaram de um seminário sobre o problema da segregação do doente mental. Depois os manifestantes separaram-se em grupos e percorreram os gabinetes dos senadores, num esforço para sensibilizá-los quanto à questão.

O Movimento agora está recolhendo assinaturas a favor da Lei Paulo Delgado com as emendas de Lúcio Alcântara. Até o momento já foram recolhidas 15.000, e o MAM pretende atingir 500.000 até o dia 18 de Maio, Dia Nacional da Luta Antimanicomial, e 1.000.000 até a votação do projeto, ainda sem data definida. Minas Gerais contribuiu, até agora, com 8.000 assinaturas. Aqueles que desejarem apoiar o projeto podem se dirigir ao Fórum Mineiro de Saúde Mental, à Rua Carijós, 244, 5º andar, sala 513, ou à sede do CRP-04, à Rua Tomé de Souza, 860/1001, em Belo Horizonte, locais onde o abaixo-assinado está circulando.

Um caso de "cura espontânea" em um "paciente alcoólatra"

I - Introdução

O título desta formulação é clássica: nomeia a cura - ainda que adjetivada de espontânea - e se refere à existência de um paciente que se qualifica de *alcoólatra*. A partir deste caso particular, tentarei questionar a legitimidade dos supostos que o uso destes termos suportam em sua generalização conceitual.

II - A depressão

Um homem jovem apresentou-se a minha consulta por atravessar um penoso transe depressivo, no qual ingeria álcool abundante. Medicado a anos com antidepressivos, se encontrava agora em uma situação limite: ao não encontrar sentido na vida, quis se matar, mas não se atreveu.

A tristeza era um traço de Sérgio - descendente da aristocracia russa, cuja família se exilou na Argentina na época da revolução bolchevista. Ele nunca se considerou "um ser como os demais", já que não podia estudar nem trabalhar com continuidade, pois largos intervalos de tristeza e silêncio sempre interrompiam a sua vida.

Nas entrevistas preliminares, produz um lapsus - a partir do apelido que o chamavam - *conde* - se desdobrou outro termo - *esconde* - significante que o representará, a partir do qual ele confessará seu "ser enganador".

A depressão e o engano demonstrarão, no curso destas entrevistas, estar conectados por meio de uma identificação de Sérgio com sua mãe. Ela havia conseguido manter em suspenso toda a sua família - especialmente o pai de Sérgio - em torno de seus caprichos. Somente a ela Sérgio não podia enganar verdadeiramente. Esta linha de pensamento associativo o levou a confessar - não sem reticências - algo que jamais havia dito a ninguém: havia colaborado com sua mãe na realização do último desejo dela, deixar de existir. Uma lembrança persiste de maneira tenaz: a de seu corpo deitado e imóvel com as rugas de seus olhos e uma placidez que o assustou.

Somente neste momento do relato, relaciona o pacto de morte com sua mãe e o início de sua postura taciturna.

III - O Engano do Outro

Decido, nesse ponto, lhe dar entrada na análise. Surgem recordações infantis que se organizam em torno do significante *esconde*. Uma óbvia melhora se produz em seu estado anímico. Até que a partir de uma pergunta que me dirige - com a qual pretende referir-se a uma preocupação diagnóstica - surge a verdadeira dimensão do enga-

no do Outro: "em que lugar me situa você? Que nome me corresponde?"

Ressalto o "nome" e interrompo nesse ponto a sessão, de modo que se manifesta aborrecido por minha falta de resposta. Na sessão seguinte, surge a lembrança de uma frase repetida em sua infância e que lhe fora repetida por sua avó paterna: *você é o descendente do par real; é o sobrinho do czar e o neto da czarina*.

Sente-se confundido. Acrescenta que sempre havia escutado essa frase, mas que, na realidade, não entendia o significado do lugar no qual sua avó lhe nomeava.

O *par real*, uma mulher e seu filho predileto, substituíam o avô de Sérgio por seu tio - irmão de seu pai, tomando um lugar na diacronia das gerações com as quais se constrói o Édipo freudiano. *Uma mãe com seu filho enganam o Outro*, uma vez mais na história de Sérgio.

IV - A "cura espontânea" de um alcoólatra

Sérgio havia idealizado aquele tio paterno: desde a sua iniciação sexual até as suas "farras de juventude" foi uma figura importante nos assuntos de amor. Essa época de sua adolescência havia sido a mais feliz de sua vida.

A continuação desta análise permitiu localizar uma cena esquecida, que determinara o "fim espontâneo" de sua adicção ao álcool. Em um encontro sexual, se encontra com o horror: à manhã seguinte de um "levante callejero"**, desperta com a ressaca do álcool em uma cama com uma mulher desconhecida: ela dormia, era velha e *tinha rugas nos olhos*... *Era como ter me deitado com minha mãe!* Fugiu apavorado e vomitou na rua, amargamente. Foi a partir desse momento que não tomou mais, até precisamente a severa depressão na qual caiu anos depois e que girou - quase sem haver notado - em torno da presença do álcool.

V - A função das identificações: o álcool e a depressão

Em sua depressão, resguardava uma identificação com sua mãe - a qual permitia a Sérgio obter um usufruto sobre os seres próximos, ao se posicionar como o *que não pode*. O álcool era consumido como potenciador de uma identificação alternativa com aquele tio paterno que promovia suas farras.

A identificação no traço do álcool classificava Sérgio no lado masculino, de modo que a identificação com o traço da depressão o lançava para o lado feminino - resguardando a si

mesmo seu ser fálico.

O álcool o "fazia homem" enquanto a depressão o feminizava.

Mas o problema é mais complexo, já que a identificação com o tio no traço das "farras" e do "álcool" porta um matiz incestuoso.

Portanto, todos os episódios de suas farras se encontram marcados por um padecimento - o que somente toma forma de sintoma sob transferência - ejaculação precoce.

O "trauma da cama equivocada" recorda a este sujeito obsessivo a impossibilidade do gozo do corpo e produz a "cura espontânea" de suas bebedeiras devido a sua confrontação com o horror - diante do encontro com um gozo impossível que parecia se realizar. Assim se interrompem as farras, se cura de espanto do álcool e retorna sua depressão quase de um modo imperceptível.

A alternância das identificações contrárias se faz evidente.

É com a Psicanálise que este homem teve a oportunidade de dar outro tratamento a essa satisfação, que se realizava em suas ingestões alcoólicas e que indicavam o caráter débil de sua posição masculina. Somente ao se desprender os significantes que condensavam a *função do álcool*, sua adicção pôde se dissolver, ao mesmo tempo que a depressão cedia.

A desconexão do sintagma *depressão-enganar-mãe* permitiu a separação do sujeito da demanda da morte do Outro.

A desconexão do sintagma *álcool-incesto-tio* possibilitou ao sujeito deslindar a posição masculina do traço incestuoso - que era recordado por Sérgio pelo apelativo que o nomeava: "neto da czarina".

A análise foi para este homem um processo que permite desprender três momentos: a) *Doente*: apresentando-se ao Outro sob o semblante da depressão que encobria o engano. b) *Culpável*: ao confessar sua assistência na morte de sua mãe, a culpa se faz presente - era evitada, mas além disso, assinalada pela depressão - e finalmente c) *Responsável*: a lembrança do "trauma da cama equivocada" termina por fazê-lo despertar, ao conectar seu gozo ignorado com o uso do álcool e suas farras.

Verificamos, assim, que a substância suporta uma função precisa, que não pode ser generalizada - salvo pagando o preço da desorientação na direção de uma cura, ao esquecer os efeitos do nomear e o nomear-se - na constituição da subjetividade.

(*) NT: Termo usado na Argentina para referir-se a um encontro casual entre duas pessoas na rua, com conotação sexual.



Apresentamos aos leitores uma nova seção - a Parabólica, que pretende captar os "sinais" emitidos pela Psicologia e áreas afins em outros países, através de profissionais que lá se encontram. E em tempos de Mercosul, o intercâmbio aqui proposto é aberto pelo argentino Ernesto Sinatra, psicólogo, membro da Escola de Orientação Psicanalítica da Associação Mundial de Psicanálise e coordenador do Centro de Tratamento do Alcoolismo do Instituto Campo Freudiano da Argentina.



MARCELO KRAISER

AGENDA

"O que fazemos quando fazemos Psicanálise hoje?" Esta é a questão que norteará o "1º Fórum Mineiro de Psicanálise", de 11 a 14 de abril de 96, na AMMG, em Belo Horizonte. O evento envolve 19 entidades em sua organização, entre associações psicanalíticas, de classe, universidades e hospitais, e conta com o apoio do CRP-04. Informações e inscrições à Rua Goitacazes, 43 / Sala 704, Centro. Fone (031) 226.9063 e fax (031) 273.1227.

O Departamento de Psicologia da PUC-MG oferece neste primeiro semestre, diversos cursos de extensão - "Introdução à Psicopatologia Psicanalítica", "A Clínica do Sujeito", "A Abordagem Freudiana das Psicoses", "Terapia Comportamental: Uma Análise Funcional", "O Averso do Direito e da Psicanálise", "Laudos Periciais - Interseção entre a Psicologia e o Direito", "Psicoterapia Breve" e "Psicologia na Saúde Pública". Informações e inscrições na Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-MG. Fone: (031) 319.1322 e 319.1334.

O Departamento de Psicologia da UFMG também programou cursos de extensão para o primeiro semestre de 96 - Estão programados os cursos "Psicofarmacologia para terapeutas não médicos" e "Psicopatologia Psicanalítica", coordenados pelo professor Lúcio Roberto Marzagão. Inscrições nos dias 26, 27 e 28 de março, na Fundep, Campus da Pampulha. Informações pelo telefone (031) 441.1299.

Será realizado de 26 a 28 de abril, no Hotel Boulevard, em Belo Horizonte, o workshop "Psicoterapia das Redes Sociais". O evento contará com a presença de Johan Klefbeck, Ph.D. e um dos precursores desta forma de trabalho. Informações e inscrições na Equipsis, à Rua Conde Linhares, 837/2º andar. Fone: (031) 296.4828 e (031) 296.5464.

Com o objetivo de formar profissionais na área de saúde mental infantil, será oferecido a partir de março de 96, com duração de dois anos, o curso de extensão "Atualização em Psicologia Clínica, Psicopatologia e Psicoterapia Infantil", destinado a profissionais e estudantes do 8º período de Psicologia, Medicina e áreas afins. Inscrições no Cenex/Faculdade de Medicina/UFMG, à Av. Alfredo Balena, 190 - 9º andar, sala 9022. Telefones: (031) 239.7147 e 239.7483.

A Sobrap - Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama

- estará oferecendo, a partir de março, os cursos de Dinâmica de Grupo e de Formação de Especialistas em Psicodrama Aplicado. Maiores informações e inscrições com Valda e Zoé pelos tels. (031) 383.2964 ou 485.3046, em Belo Horizonte.

O Núcleo de Psicanálise, Estudos e Práticas Institucionalistas estará oferecendo, em 96, vários cursos dentro de seu campo de abordagem, como "Psicanálise Contemporânea", "Institucionalismo" e "Introdução à Filosofia", entre outros. Maiores informações à Rua Alípio Goulart, 26 - Serra, em Belo Horizonte. Fone: (031) 221.8471.

O Instituto Félix Guattari de Belo Horizonte (Fundação Gregório Barenblitt) convida os colegas para a aula inaugural das suas atividades pedagógicas, no dia 11 de abril, às 20 horas, à Rua Herval, 267, na Serra. Informações pelo telefone 221.7352.

A Comuna SA estará oferecendo, durante o 1º semestre de 96, diversos cursos e oficinas. A cultura grega e a filosofia de Walter Benjamin são alguns dos temas de sua agenda, da qual constam também diversas oficinas de arte e relacionadas à ecologia. Maiores informações à Rua Carangola, 288 (antigo prédio da Fafich). Tel: (031) 342.1683.

O Aleph - Psicanálise/Transmissão também já está com a sua agenda programada para o 1º semestre deste ano. As atividades acontecerão em três níveis - "Cartéis", "Espaços de Leitura" e "Seminários". Informações pelo telefax (031) 281.9680.

Encontram-se abertas as inscrições para o curso de "Psicodiagnóstico de Rorschach", ministrado pela Dra. Maria de Lourdes Kalil e previsto para se iniciar em abril de 96. Informações e inscrições pelo telefone (031) 273.2232.

Será oferecido, a partir de meados de março, o curso de Gestalt Terapia e Estudos Jungianos. O curso constará de seis módulos e será coordenado pelo professor de Gestalt Terapia da Fafich/UFMG, Bruno Fróis dos Reis. Maiores informações pelo tel. (031) 344.5190.

A partir de março será realizado o curso "A Clínica em Comunidades", destinado a quem pretende exercer a clínica psicológica em comunidades de bairros. Maiores informações com os psicólogos Cláudio Alberto Ferreira e Fernando César de Araújo, pelo tel. (031) 462.6984.

CONVÊNIOS

O CRP-04 acaba de firmar convênio com a NCD Serviços, Comércio e Indústria Ltda., que oferecerá 10% de desconto aos psicólogos que desejarem confeccionar cartões de visita, etiquetas para cheque ou remessas, recibos, papéis personalizados, convites, mala-direta, curriculum, faixas e certificados. Basta, para isso, apresentar à empresa a sua carteira do Conselho. A NCD Serviços fica na Rua Tenente de Sousa, 810/loja 10, em Belo Horizonte/MG.

Os profissionais inscritos no CRP-04 e seus dependentes terão acesso a outro novo convênio firmado pelo Conselho: trata-se do Chromos Pré-Vestibulares, que oferecerá 20% de desconto em sua matrícula e mensalidades. Os interessados devem se dirigir à Rua Espírito Santo, 1009 - Centro. Fone: (031) 274.1145.

A associação do CRP-04 à Coopmed possibilitou aos inscritos no Conselho o acesso ao convênio Coopmed/Microcity. Os psicólogos poderão adquirir os equipamentos de informática Microtec através de leasing em 13 parcelas fixas. A compra via leasing permite o desconto no imposto de renda para profissionais autônomos, além de juros abaixo do mercado (3,0% ao mês) e prazo maior que o encontrado no mercado. Os interessados devem se dirigir à Microcity Computadores e Sistemas Ltda, na Rua Paulo Simoni, 123, em Belo Horizonte. Tel: (031) 227.4281 e fax (031) 225.3176.

CLASSIFICADOS

Psicólogo clínico belga, atuando em Belo Horizonte, procura contato com colegas igualmente formados naquele país. Luc Vandenberghe pode ser contactado pelo tel. (031) 498.2985.

Sublocação de horários em consultório de Psicologia, localizada em Av. Contorno, 4045/207. Tratar com Jacqueline e Moema pelos tels. (031) 281.6243 e 461.4952.

Sublocação de horários para psicólogos em ótima sala de 40 m² na Rua Professor Moraes, 562/301, Savassi. Atendimento individual ou em grupo. Tratar com Dulce pelo tel. (031) 344.2287.

Sublocação de sala para psicólogo no bairro Santo Agostinho, à Rua Matias Cardoso, 63. Tratar com Lídia pelo tel. (031) 332.6058.

Sublocação de horários em consultório de Psicologia à Av. Contorno, 5823/1502, Savassi. Tratar com Miriam pelo tel. (031) 221.7093.

Sublocação de horário em consultório de Psicologia localizada à Rua Fernandes Tourinho, 235/802. Tratar com Gladys pelo tel. (031) 225.0953.

Vendo barato os seguintes volumes da coleção "Standardos textos de Freud" - volumes II, IV, V, VII, XI, XIII, XIV, XXI, XXII. Tratar com Yvana ou Roberto pelos tels. (031) 223.156 ou 462.2526.

Vendo o teste Wisc completo, em português. Tratar com Liane pelo tel. (031) 378.1072.

Temas duas salas vagas em clínicas de Psicologia. Os interessados devem contactar Mara pelo telefone (031) 221.9420, das 13h30 às 19h30.

A dissertação de Mestrado do psicólogo clínico José Tiago dos Reis Filho, defendida em dezembro de 95 no Departamento de Psicologia da Fafich/UFMG, é o tema desta edição de Universidade. Os interessados em consultá-la podem se dirigir ao CRP-04. Contatos com o autor pelo telefone (031) 498.1564.

Ninguém atravessa o arco-íris: a subjetividade na história de negros e negras pobres

O Brasil é um país multirracial e miscigenado. A Abolição dos escravos, ocorrida em 1888, pouco contribuiu para modificar a situação de vida dos negros neste país, pois não os preparou para enfrentar o mercado de trabalho. Convém lembrar que os negros eram, em sua grande maioria, trabalhadores rurais ou mineradores e que a migração para os grandes centros acarretou o desemprego, o sub-emprego e a marginalidade. Isto fez com que os negros sempre fossem associados a uma posição social, econômica e intelectual inferior aos brancos, pois ser negro significa, ainda hoje, nascer em uma família de baixo status.

Esta situação pouco mudou após decorrido mais de um século da Abolição. Aliás, ela foi agravada no início deste século quando alguns intelectuais e políticos traçaram um plano para o desenvolvimento do país que não ia de encontro ao ideal racial esboçado para a nação. Este plano se baseava nas idéias de "raça pura" e a nossa miscigenação era um empecilho a este ideal. A solução encontrada foi reforçar o processo de branqueamento da nossa população, valorizando aqueles sujeitos que mais se aproximassem da cor branca; desta forma, ser mulato significava estar um passo à frente dos negros na nossa hierarquia racial.

Temos aqui um continuum de cor que dificulta a identidade racial dos sujeitos, fato comprovado pelos dados do censo demográfico do IBGE de 1980, onde a população brasileira utilizou 136 denominações para se auto-classificar. Quase todas elas serviam para disfarçar as origens negras da população, pois eram termos como: "roxo", "baiano", "turva", etc. A utilização destes disfarces não é por acaso. Os negros estão expostos a situações de discriminação e preconceito em seu cotidiano, pelo fato da cor da pele marcar uma diferença. No entanto, é surpreendente notar que a Psicologia pouco contribuiu para modificar esta situação causadora de enorme sofrimento psíquico, que é o racismo. Isto é comprovado quando se vê a quase inexistência de trabalhos científicos ou pesquisas sobre a questão racial, desenvolvidos por psicólogos. Foi percebendo este hiato que resolvi desenvolver um trabalho, entrevistando mulheres e homens negros pobres, buscando compreender como estes sujeitos constroem suas identidades e lidam com as situações de discriminação.

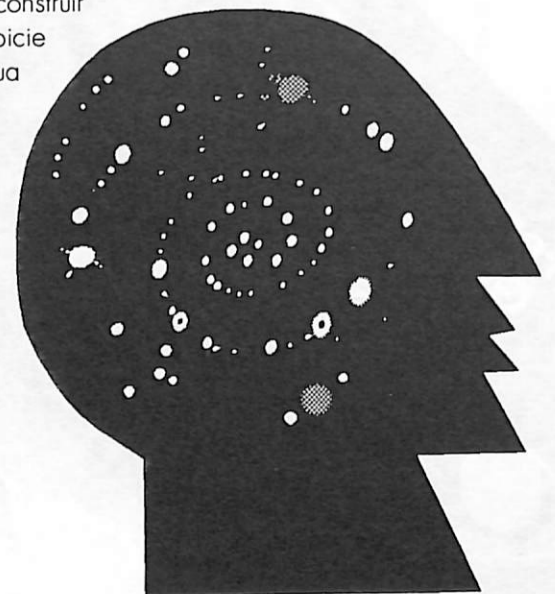
As cinco pessoas que entrevistei têm suas vidas marcadas pela pobreza, ou seja, à dedicação quase exclusiva ao processo de permanecer vivo, num país cada vez mais mergulhado numa grave crise econômica que agride, sem reservas e sem limites, os cidadãos menos favorecidos. Quem nasce pobre neste país entra muito cedo no mercado de trabalho; aliás, esta entrada geralmente coincide com a entrada na escola, que aos poucos vai sendo abandonada para dar lugar à luta pela sobrevivência. Esta situação é agravada nas comunidades rurais, onde a localização das escolas aumenta consideravelmente a distância entre elas e seus alunos. Outro fenômeno comum é a migração para as grandes cidades, engrossando a massa de mão de obra não especializada, moradores de periferia, mendigos, andarilhos, e no interior aumenta o número de agricultores sem-terra. Todos os

entrevistados vinham de famílias extensas com pais, filhos, netos, enteados, avós, todos dividindo a mesma casa. A falta de espaço em suas casas chamava atenção pelo amontoado de gente e a falta de privacidade. A infância era marcada por brincadeiras de rua e pela falta de brinquedos.

O fato de ser negra a grande maioria da população pobre do Brasil pode, num primeiro momento, fazer crer que a questão racial é apenas uma questão de classe social. Isto é uma simplificação que visa tornar opaca a visão que lançamos às relações entre negros e brancos aqui. Os negros ricos ou famosos não deixam de enfrentar situações de preconceito por causa de sua cor. Nos depoimentos que colhi, os sujeitos me relataram situações de discriminação e preconceito que são vividas por eles em seu cotidiano, e que são enfrentadas das mais diversas formas. Alguns negam a existência do problema e, quando surge alguma situação de confronto, eles abandonam a discussão e fogem do enfrentamento: Outros dizem comprar a consciência das pessoas, utilizando para isso a beleza física, a inteligência ou o dinheiro. Nestes casos, é comum vermos estas estratégias gerarem sentimentos de culpa ou de inferioridade, pelo fato da pessoa estar sempre sendo vista pelo outro parcialmente, ou se mostrando ao outro parcialmente. Alguns mostraram que enfrentam as situações de discriminação e preconceito, indo em busca de referências que possibilitam a construção de uma identidade em sintonia com os aspectos físicos de cada um, levando em consideração, principalmente, a cor da pele.

As referências que me relataram foram: os cabelos usados ao natural, ou o uso dos penteados afros, negando a noção geral de que seus cabelos são "ruins"; a participação em movimentos que visam discutir a situação dos negros no Brasil, buscando a melhoria da qualidade de vida desta parcela da população e o resgate de sua cultura, aumentando também sua auto-estima; o contato com grupos de reflexão, de atividades artísticas ou esportivas e também os consultórios de Psicologia.

É preciso que a maioria da população deste país tenha acesso a um mínimo de bem-estar, ou seja, que usufrua dos bens e serviços que possibilitam o conforto pessoal e a satisfação das necessidades vitais, permitindo também o acesso aos bens culturais. Só se consegue isto com educação e saúde. Com isto, a população negra terá condições de construir uma imagem individual e coletiva que propicie uma melhor integração da pessoa à sua imagem e semelhança. Desta tarefa os psicólogos não podem se safar.

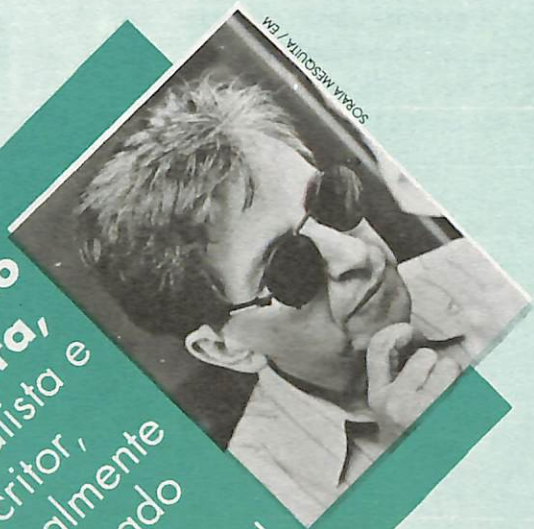


"Ao máximo do limite"

O JP inaugura seu novo espaço de "Entrevista" com o jornalista e escritor Fernando Gabeira, que atualmente exerce o mandato de deputado federal pelo PV-RJ. Em seu percurso na defesa da liberdade de expressão e direitos humanos, Gabeira tem assumido diversas facetas, fazendo valer um dos lemas de sua geração, ser uma "metamorfose ambulante", procurando mudar justamente "aquela velha opinião formada sobre tudo". Da luta armada, em tempos de ditadura, à política institucional, em um caminho permeado pelo exílio e pelo trabalho no jornalismo e na literatura, Fernando Gabeira, casado e pai de dois filhos, já distante da revolucionária tanga que chegou a incomodar muita gente em verões passados, hoje veste a gravata, "condição" para atuar em uma estrutura que, com honrosas exceções, abriga tendências reconhecidamente conservadoras, o Congresso Nacional. Sem, contudo, deixar de lado um ícone alternativo - a bicicleta, seu meio de transporte. Como deputado federal pelo PV, Gabeira leva a bandeira da Ecologia ao lado de outras causas consideradas "avançadas", todas ligadas às transformações dos costumes. Aqui ele nos fala do novo projeto sobre drogas. Vamos ouvi-lo.

- Você participou da Comissão Especial que estudou os projetos sobre a questão das drogas e propôs um substitutivo que se encontra agora em trâmite. Qual a mudança mais significativa que este projeto traz em relação à lei de 1976?
- A mudança mais significativa é a que diz respeito ao tratamento dado ao usuário de drogas. Ao invés de ser condenado a uma prisão de seis meses a dois anos como na lei de 1976, agora ele será multado ou condenado a penas educativas. Mas jamais irá para a prisão. Além disso, através desse projeto o governo estará autorizado a quebrar o sigilo bancário quando houver suspeita de lavagem do dinheiro de droga, e em circunstâncias especiais, a distribuir ou a trocar seringas de viciados, para evitar o crescimento da epidemia de AIDS.

Fernando Gabeira, jornalista e escritor, atualmente deputado federal pelo PV/RJ



- Você está satisfeito com o projeto, ou acha que ele poderia ter avançado mais?
- Olha, o projeto significa uma espécie de consenso entre nós sobre qual o passo que nós podemos dar em conjunto. Evidentemente que a minha posição é um pouco mais, digamos, radical do que isso. Mas isso é o que nós conseguiremos aprovar agora no congresso. Não adianta nada eu ter uma posição muito avançada se ela não se traduz em fatos concretos. Então nós estamos atuando pragmaticamente.
- Os apitos da praia de Ipanema, no Rio, ampliaram a discussão sobre a legalização da maconha, e o governador Marcelo Alencar chegou a sugerir um plebiscito para decidir a questão. O que você acha da proposta de legalização? Ela é conveniente para o Brasil atual?
- A proposta de legalização tem que ser realizada em etapas. A primeira etapa é a discriminação. A segunda etapa é a legalização controlada de uma droga, que seria a maconha. E depois as outras viriam sendo, na medida do resultado da experiência, incluídas também. Mas é uma proposta que certamente levará ainda, no mínimo, uma década para poder se realizar.
- De qualquer forma, agora no momento o Brasil não estaria preparado?
- Creio que não. O país não está em condições.
- "A liberação fará o consumo e a violência aumentarem". Você concorda com esta tese?
- Concordo com a primeira parte dela: "a liberação fará o consumo aumentar". Mas a violência deve diminuir, por que a violência é produzida de fato pela clandestinidade da venda de drogas. Como é uma relação múltipla de dezenas de agentes, não existe uma autoridade externa para arbitrá-la. Se você compra dez quilos de cocaína e paga o equivalente a apenas oito, quem te vendeu a cocaína não pode ir à polícia reclamar de você. Então isso cria um exército próprio. Da mesma maneira que quem vende cocaína em uma rua, ou maconha, não tem um alvará da prefeitura e, para substituí-lo, você tem de matá-lo. Então é a clandestinidade e a ilegalidade que produz a violência. Se um dia houver a legalização, a violência vai diminuir como prova a lei seca nos Estados Unidos, que, ao cair, possibilitou o fim dos gângsters, que exploravam exatamente o comércio clandestino de bebidas.
- O que você acha que a maconha provoca nas pessoas - ela é realmente uma droga nociva?
- Na verdade, a maconha provoca nas pessoas reações diferentes, de acordo com as pessoas. Da mesma maneira que o álcool provoca doenças terríveis, a maconha naturalmente pode provocar também, depende da relação que a pessoa tem com ela. Há pessoas que consomem álcool tomando uma dose diária, duas doses diárias. Às vezes apenas numa festa, às vezes apenas num jantar. Essas não têm problemas com o álcool. Dizem até na França que uma dose pequena de vinho por dia faz bem para a saúde. Então, com a maconha também é assim. Só se pode avaliar o que ela provoca nas pessoas a partir de um uso muito intenso. Ela tem substâncias cancerígenas e provoca perdas momentâneas da memória, mas não se registra na maconha nenhum caso letal. Ela é mais inofensiva que o tabaco e o álcool e tem valor terapêutico em vários casos, que o projeto também contempla agora. Ela é usada hoje contra o glaucoma e entre os pacientes de AIDS para ter mais fome e aumentar o peso, e sobretudo usada para atenuar o enjôo provocado pela quimioterapia contra o câncer.
- Muitos alegam que, se a maconha for legalizada, o prejuízo será enorme para crianças e adolescentes. Qual a sua opinião sobre isso?
- Eu acho que realmente existe uma possibilidade de aumento do consumo. Mas, por outro lado, existe também a possibilidade de uma informação maior sobre o assunto. Realmente hoje os adolescentes que mais sofrem são adolescentes que trabalham nesse campo e que

morrem no Rio de Janeiro nesse comércio. Não se tem notícia de jovens morrendo por causa de drogas. De fato, existe uma droga que nós somos favoráveis a proibí-la no momento - pois a legalização dela tem sido muito ruim para a criança - que é a cola de sapateiro. Existe um projeto do Darcy Ribeiro exigindo que a cola tenha componentes diferentes dos que tem hoje para que não provoque alucinação nos garotos e não seja usada como droga. Mas a indústria dos calçados está resistindo muito. Ela argumenta que se colocar cheiro ruim na cola vai atrapalhar o comércio dos sapatos fora do Brasil. Então nós não estamos conseguindo aprovar isso.

■ Muitos enfatizam o caráter "preventivo" e "não marginalizador" do projeto em trâmite. No entanto, o usuário continua sendo tratado como um infrator que merece punição, ou como alguém "desequilibrado", que precisa de ajuda. Isto não mostra que a lei ainda está distante da realidade, ignorando que grande parte dos chamados "usuários" são pessoas produtivas e conscientes de seus atos?

● A resposta é sim. Mostra que a lei ainda está distante da realidade, porque continua punindo pessoas que são usuárias e considerando que de alguma maneira elas cometeram um crime, ou de alguma maneira necessitam de assistência mental. A única precaução que nós estamos tomando é que não haja nenhuma medicalização, isto é, que ao saírem da polícia, não dêem entrada a uma medicalização forçada. Mas de qualquer maneira a lei tem essa limitação, e ela é provocada exatamente pelo nível de consciência ainda geral, porque um outro tratamento mais avançado, um tratamento que reconheça que pessoas produtivas e conscientes de seus atos são usuários e que têm o direito de utilizar o corpo como elas quiserem, que o cidadão pode intervir no próprio corpo, é uma concepção que possivelmente só no fim do século, quando a liberdade individual tiver se consolidado, é que nós vamos conseguir, de uma certa maneira, impor no Brasil.

■ O projeto que tramita no Congresso não deixa claro se o usuário, ao ser surpreendido utilizando ou portando drogas, é obrigado a se sujeitar a serviços assistenciais ou não. Como isso se dará de fato?

● O projeto coloca uma coisa ou outra. De um modo geral ele pagará uma multa e a droga será apreendida. Além disso, ele terá o direito de sigilo, seu nome não poderá ser divulgado pela imprensa, assim como nada relativo ao episódio.

■ É possível uma só lei dar conta de diversas drogas? Não seria mais adequado que se estudasse caso a caso e se criasse legislação específica para cada droga?

● A lei de agora não cuida de diversas drogas. Ela cuida, na verdade, de todas as drogas. Isso não implica que amanhã não se possa criar uma legislação específica para cada droga. Por exemplo, nós temos agora a possibilidade de importar o THC em forma de remédio, assim como algumas pessoas terão a possibilidade de fumar maconha com autorização do Ministério da Saúde. Isso significa que há também uma presença do Ministério da Saúde decidindo caso a caso. Nós temos que criar uma lei geral e depois vamos criando leis particulares. Quando uma dessas drogas passar a ser reconsiderada, seja pela OMS, seja aqui no Brasil, nós a tiraremos do grupo porque, ao afirmar que é uma droga entorpecente, temos que entrar numa classificação mundial. Por que o café não é, por exemplo? Porque não está nessa lista mundial. Podem haver alterações também provocadas por mudanças na visão mundial.

■ Pensando agora no narcotráfico: o projeto em trâmite, se aprovado, terá alguma consequência sobre ele?

● Uma consequência limitada, mas terá. Primeiro, como eu já disse, porque ele vai abrir a possibilidade de quebra de sigilo bancário. Segundo, ele vai possibilitar que a polícia se infiltre no narcotráfico, para poder apurar melhor. E em terceiro, ele possibilitará que a polícia observe sem prender, em alguns casos, para que ela possa encontrar toda a rede. E ainda vai possibilitar também uma cooperação internacional mais flexível. Então, sob muitos aspectos, o projeto vai ter

consequências sobre o narcotráfico. Mas se você me pergunta se as consequências seriam fatais, eu diria que não, porque estrategicamente eu não acredito que o narcotráfico seja derrotado pela repressão.

■ Qual a sua visão da complexa situação do Rio de Janeiro, onde narcotráfico e elite se cruzam e este vínculo entre eles é visto por muitos como a principal causa da violência na cidade?

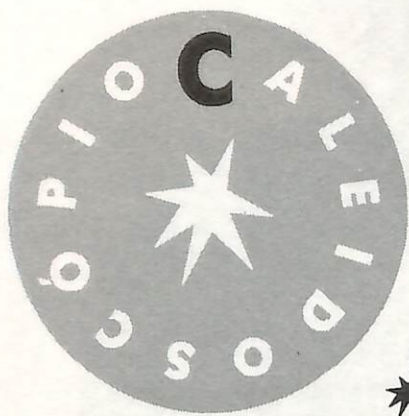
● Muitos que vêem esse vínculo como a principal causa da violência estão equivocados, eles têm uma visão ideológica. Não é a relação da elite com o narcotráfico que provoca a violência, e sim o fato do narcotráfico ser ilegal. Porque a elite toma álcool e fuma tabaco. No entanto, esse cruzamento da elite com o álcool e com o tabaco não aumenta necessariamente a violência. O que aumenta a violência de fato não é a relação do consumidor com a droga. O que aumenta a violência é a repressão, porque a repressão cria a base para que o narcotráfico desenvolva aqueles elementos de que eu já falei aqui - a luta pelos pontos e a falta de um árbitro externo para regular as operações não saudadas.

■ Além da questão das drogas, altamente marginalizada por si só, faz parte da sua agenda a questão ecológica. Como tem sido atuar como um membro do PV no Congresso? Os deputados conseguem perceber a importância do tema, ou ele continua não sendo levado a sério?

● Eu acredito que sim, temos avançado muito, existe uma Comissão do Meio Ambiente, das Minorias e de Defesa do Consumidor, e nessa Comissão temos discutido projetos de grande importância, que dizem respeito à questão nuclear, aos recursos hídricos, aos parques nacionais, e sinto uma preocupação crescente com a Ecologia. Não ainda a ponto de considerarem a questão ecológica como um tema importante, mas existe uma preocupação crescente.

■ Você tem buscado atualizar a legislação brasileira, que ainda inclui absurdos como considerar o adultério um crime e obrigar ao serviço militar, e tem também buscado avançar, propondo, por exemplo, a legalização da união entre homossexuais. Como suas propostas têm repercutido no Congresso?

● Elas têm repercutido bem. Agora lancei uma proposta que regulamenta as praias de nudismo, e sinto que todos têm levado a sério, está repercutindo muito bem. No caso do adultério, a proposta está na Comissão de Justiça. A questão do serviço militar recebeu apoio de 180 assinaturas para ser levada à discussão, em uma emenda constitucional, e no caso da legalização da união de pessoas do mesmo sexo, tenho tido também alguns avanços junto com a deputada Marta Suplicy, autora desse projeto. Então nós temos trabalhado no sentido de ampliar um pouco o horizonte e o potencial de aprovação de projetos mais modernos. Mas sabemos muito bem que há limites, e tentamos chegar até o máximo do limite e depois acumular forças de novo para avançar um pouco mais.



Este ano comemora-se o centenário de nascimento de um importante expoente da comunidade psi - o psicólogo MIRA Y LOPES ✱ Os interessados em participar das comemorações podem contactar a comissão responsável pelo tel. (021) 226.4157

✱ Já está circulando o terceiro número do BISA - Boletim Informativo sobre Aids - com

o apoio do CRP-04 ✱ O periódico aborda a questão sob vários prismas e divulga a estrutura de apoio ao HIV positivo ✱ Esta edição traz um texto de quem soube, apesar da doença, deixar a VIDA correr em suas veias - o escritor Caio Fernando ABREU, morto recentemente. A ele, as nossas homenagens ✱ Informações sobre o boletim com o psicólogo Rodrigo Guimarães pelo telefax (031) 373.3012 ✱ As relações entre Arte e Psicanálise é o tema que une os textos da Revista PERCURSO nº 15 ✱ A revista traz, entre outros autores, Ernst Gombrich, que aborda as teorias estéticas de Freud; Ana Cecília Carvalho, que examina as RELAÇÕES entre Freud e Jorge Luis Borges; e Nelson da Silva Jr., que escreve sobre Fernando Pessoa e Freud ✱ "Percurso" é editada pelo Instituto Sedes Sapientiae ✱ "Clínica: Noções e Formas Ampliadas" é o título do terceiro boletim editado pela Clínica D'ISS ✱ Com uma temática que perpassa vários campos do saber, a publicação pretende aquecer o DEBATE contemporâneo sobre o conceito de clínica ✱ Entre os textos publicados, encontram-se "A cidadania a ser construída", de Ana Heloísa Senra, e "Notas de um interesse da Psicanálise pela ESTÉTICA", de José Eugênio Gomes ✱ Informações pelo telefone (031) 241.4441 ✱ A "Clínica SOCIAL de Psicoterapia", entidade que presta atendimento terapêutico a pessoas que não podem ARCAR financeiramente com um tratamento particular, oferece formação aos psicólogos que participam de suas atividades ✱ Maiores informações pelo tel. (031) 291.4527 ✱ A FENEIS, Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, está oferecendo livros e cartilhas que enfocam temas da área da SURDEZ ✱ Os interessados nas publicações devem entrar em contato com o escritório da Feneis em MG, à Av. Contorno, 9745, Barro Preto. Fone/fax: (031) 337.9755 ✱ O livro "Psicologia no Brasil: DIREÇÕES Epistemológicas", editado pelo CFP, traz, em seu anexo de referências bibliográficas, cinco artigos do JORNAL do Psicólogo ✱ É o JP colaborando no processo de desenvolvimento da profissão ✱

CARTAS

Brasília, 30 de setembro de 1995
Estou enviando esta carta de agradecimento em nome dos usuários do Jornal do Psicólogo, um dos raros veículos de comunicação onde o usuário, além de ter a oportunidade de participar, ainda é objeto de atenção e respeito, penso que dessa forma estará contribuindo para reduzir o estigma que pesa sobre o usuário de saúde mental, que sofre com o preconceito social.

Fiquei muito feliz com a publicação da carta, informo que esta carta foi usada como "lobby" para tentar sensibilizar os senadores aqui em Brasília que deverão votar a lei Paulo Delgado, que estava na pauta para ser votada no dia 28 de setembro, e que ainda não foi votada por falta de quorum.

A qualidade do Jornal do Psicólogo foi elogiada por pessoas que aqui viram o exemplar, eu pessoalmente me senti lisonjeado com o espaço de destaque onde foi publicada a carta, e queria agradecer ao professor Carlos Roberto Drawin por ter cedido espaço, fato que demonstra a seriedade que este veículo tem com o tratamento dispensado à luta antimanicomial, que eu acredito ter como beneficiário maior o próprio usuário e em seguida os profissionais que lutam por uma forma mais humana de tratamento em que se destacam justamente os psicólogos.

(...)

Samuel Barros Magalhães

Presidente da ASSUME - Associação dos Usuários dos Serviços de Saúde Mental do DF

Brief Therapy Conference

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PSICOTERAPIA BREVE

Tema fundamental: a questão da qualidade nas psicoterapias
Em São Paulo, Brasil, de 4 a 7 de Julho de 1996, Hotel Maksoud Plaza

Junto ao excelente grupo de profissionais brasileiros, alguns dos expoentes que já confirmaram presença: Ivan Capelato, Lic. • Richard Fish, Ph.D. • Michael Mahoney, Ph.D. • Humberto Maturana, Ph.D. • Steve De Shazer, M.S.W. • Gianfranco Cecchin, M.D. • Jay Haley, M.A. • James Masterson, M.D. • Haim Omer, Ph.D. • Jeffrey K. Zeig, Ph.D.

Participação ilustre de: Marília Baker, M.S.W., Maria M. M. J. Carvalho, Dr., Ileno Izidio, Psic., Vera B. Lemgruber, M.D., Rosa Macedo, Dr., José A. Mendonça, Psic., Carlos Molina, Psic., Bernard Rangé, Psic., Alfredo Ruiz, M.D., Maria R. Seixas, Psic., Maria José E. de Vasconcelos, Psic. Dr., José Ovidio Waldemar, M.D., e muitos outros.

Uma palestra sobre a "Sexualidade, o amor e a cura" com Paulo Coelho, Marta Suplicy ou José Ângelo Gaiarsa.

Vagas limitadas. Informações: (019)231.9955 Campinas SP

DISQ FREUD

- Campinas/SP (0912) 31.9955
- BH (031) 330.5500 Bip JLM
- RJ (021) 442.2415
- OBRAS COMPLETAS
- NOVA EDIÇÃO
- GARANTIA
- SUPER PROMOÇÃO
- Português 24 vols.
- Editora Imago - super promoção R\$280,00 à vista / 2 x R\$150,00 / 3 x R\$110,00 / 4 x R\$90,00
- Castelhana 25 vols. - Editora Amorrortu
- Espanhol 3 vols. - Editora Nueva
- Traduções do alemão sob consulta

Atendemos todo o Brasil Entregamos a domicílio de 2ª a sábado das 8h às 21h
CGC 72.082.308 0001-34

JORNAL DO PSICÓLOGO

Publicação do Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04
Rua Tomé de Souza, 860/10º andar - Savassi - CEP 30140-131 - Belo Horizonte-MG
Tel.: (031) 261-1146 - Telex: (031) 392882 - Fax: (031) 261-6143

Diretoria: Antonieta Guimarães Bizzotto, presidente; Ricardo Figueiredo Moretzsohn, vice-presidente; Carmen Eugênia Bretas Bavo, secretária; Zulma Canuto, tesoureira.

8º Plenário: Conselheiros: Adenise Elza Hethel da Silveira; Américo Galvão Neto; Antonieta Guimarães Bizzotto; Aparecida Maria de Souza Cruvinel; Arlete Marchiori Macedo Diniz; Carmen Eugênia Bretas Bavo; Celso Francisco Tondin; Danusa Gomes Prates; Edith Lins Etto; Elvira Lídia Pessoa de Oliveira; Fernanda Otoni de Barros; Gerson Alves Vieira; José Walter Albinati Silva; Maria Aparecida de Oliveira Krolman; Maria Lúcia Vasconcelos Montes; Octávio Candiani; Regina Lúcia Silva de Magalhães Carvalho; Regina Maria

Coelho Ferreira; Ricardo Figueiredo Moretzsohn; Ronaldo Pazini Marangoni Júnior; Terezinha Marta Calambo Drummond; Vicente de Paulo Marques de Almeida; Zulma Canuto.

Coordenadoria Técnica: Júlio Flávio de Figueiredo Fernandes
Assessoria Jurídica: Rodrigo da Cunha Pereira

Editado pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04
Coordenação geral: Ricardo Moretzsohn
Jornalista responsável: Luciana Tonelli (MTb 4685/MG)
Programação visual: Marcelo Xavier
Ilustrações e fotografias: Marcelo Kraiser e Marcelo Xavier
Edição gráfica: Cláudia Barcellos
Impressão: Editora Litero Maciel
Tiragem: 11 mil exemplares

As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. O Jornal do Psicólogo as publica por acreditar na diversidade das idéias.

Aqui, o psicólogo e psicanalista Eduardo Dias Gontijo nos conduz à reflexão sobre os caminhos que partem do luto em direção à sabedoria. Eduardo é PHD em Psicologia pela USIU (USA) e professor adjunto do Departamento de Psicologia da FAFICH / UFMG.

Luto e Sabedoria

Eduardo Dias Gontijo

O luto é descrito de maneira geral pela psicanálise como um processo de desligamento das amarras que nos fazem *ressentir* a perda de um objeto amado. Conseguir este desligamento das amarras do *ressentir* é, segundo Freud, a condição de possibilidade para a criação de novos liames afetivos e de novos investimentos amorosos.

Em um interessante trabalho, intitulado "*Perlaboração: A Feminilidade e a Transformação do Eu na Técnica da Psicanálise*", o Prof. Paulo César Ribeiro nos oferece valiosas sugestões sobre a possibilidade de estabelecer relações entre o trabalho de luto e o trabalho de *perlaboração*, este último tão fundamental para o sucesso do tratamento analítico. Mostra ele que ambos os casos implicariam em *trabalho e perda*, com a importante diferença, entretanto, que, "no luto, a perda leva ao trabalho, enquanto na *perlaboração* o trabalho leva à perda". Enquanto no primeiro a perda do objeto acarreta uma *perda quanto ao eu*, exigindo o trabalho, na *perlaboração* a perda quanto ao eu - uma espécie de *morte do eu* - surge como *coroamento* do trabalho.

Buscando acrescentar uma sucinta e divertida nota de rodapé ao que já nos foi tão bem ensinado por nosso caríssimo professor, diríamos que algo de *complementar* existe entre os dois processos. Em ambos, verifica-se um esforço de *responder ao problema da dor humana* pela via de uma *metamorfose espiritual* do sentir.

Nesta transformação espiritual dos sentimentos, transborda em segredo uma antiga e íntima *paixão* — que se estende pela tradição para além do conceito da simples *perlaboração*. Isto porque, se nos permitimos dilatar os limites de nossa reflexão, talvez possamos, ao termo da análise, recordar relações ancestrais e há muito estabelecidas entre *luto... e sabedoria*. Como um legado de muitos séculos antes de nossa era, já nos ensinava o poeta trágico Êsquilo que o Zeus, "quem quer que seja", e cuja essência só pode ser pressentida pelos efeitos na ação,

(...) rasgou aos mortais o caminho dos conhecimentos, com esta lei: pela dor à sabedoria. Em vez do sono, nasce no coração a pena que recorda a culpa; e assim, é de contra vontade que vem ao espírito a salvação. Só assim obtemos o favor dos deuses que do alto do trono sagrado governam com poder.

Isso porque no percurso que vai da perda ao trabalho (*luto*) e do trabalho à perda (*perlaboração*) pressupomos que deva haver algum ganho: o *sem-sentido* pressupõe o *sentido*, e *trabalhos demandam salários*, ganhos, frutos. Salários isentos de impostos de amarguras, e que demandam que a dolorosa tensão e suor estampado no rosto dos aflitos faça algum *sentido*. Sentido que, deixando de lado o jargão científico, poderíamos denominar o *justo salário da sabedoria*. Isto é, à referida *perda* quanto ao eu na *perlaboração* deve somar, para além da mera *negatividade* da destruição, um ganho para uma forma de vida mais amada e digna do nosso respeito: ou seja, uma positividade *querida* que se constitua como acréscimo em conhecimento vital.

Ora, o fundamental no luto, como dor e sofrimento — assumir solitário de uma negatividade — está em seu *apelo* a um *mais*: há na dor, como negação que afirma o *todo*, um esboço do poder de *criticar*. A dor é *crítica*, no duplo sentido da palavra: é *crise e descontentamento* com o imediatamente dado, interna e externamente. A negatividade na dor contém assim, no preciso dizer de Jaspers, o positivo de uma "*cifra de transcendência*". O sofrimento grita *mais* ao homem, e assim fazendo contribui para formular o valor adequado da humanidade do homem. Humanidade e sabedoria são sinônimos. Nelas, o que se deseja possuir são *mais que palavras*, mas a verdadeira vida que se encontra ausente. Porque o salário da dor pela *sophia* não é *algo*: é *alguém*. Ou melhor: o *outro*. A alteridade do outro como o maior dos dons, como possessão estável, inalienável, que fecunda e enriquece a disposição para o *bem viver*. Assim, se a vida é feita de permanentes lutos, diremos que a *sabedoria*, fruto da luta em muitos lutos, é a única e verdadeira *ajuda* espiritual aos inevitáveis atropelos da vida. Condutora fiel dos enlutados, é ela que ilumina importantes mudanças qualitativas em nossas *queixas e lamentações*.

Lendo um trabalho de Paul Ricoeur — *Le mal: un défi à la philosophie et à la théologie*² — encontro valiosas sugestões a pensar nesse sentido. Distingue ele quatro estágios nos quais a *sabedoria*, presidindo ao luto, o auxilia.

O primeiro estágio denominamos de *integração da ignorância*.

Toda dor contém uma aporia, expressa na perplexidade de quem pergunta, em meio ao seu tormento: *Por quê? Por quê eu?* Se o culpado comete a falta e o sofrimento faz a vítima, há na dor humana o que se poderia chamar um *mistério de iniquidade*: o homem é um ser que se sente culpado quando vítima e vítima enquanto culpado: agressor que é vítima, e vítima que é agressor. Vítima que se acusa, acusado que se vitimiza, o enlutado deve passar inicialmente pelo estágio da *sabedoria de Jó*: ou seja, é preciso fazer fracassar a *lógica da retribuição* implícita na sua pergunta inicial. Pois é na medida em que se liberta do excesso da acusação e confessa, fatigado, "*não sei por quê*", é que permite que o sofrimento seja exposto à realidade, *posto a nu*: pois todo sofrimento e todo mal no mundo, quer seja cometido ou sofrido, comporta uma dimensão de *imerecimento*, de absurdidade, por assim dizer. Os bons também *sofrem*.

O segundo estágio denominaremos de *impaciência pelo sentido*.

Toda dor, todo luto contém um expandir-se numa queixa que se expressa como *impaciência desesperada de esperança*. O sofredor, o enlutado grita, protesta, na solidão do túnel de sua noite: — *até quando, meu Deus?* Neste protesto, há um avançar, ainda que abstrato e indeterminado, pelas veredas do sentido: a *impaciência* revela de forma aguda o fundo de *Sentido* contido na queixa perante o *sem-sentido*. *Impaciência* que destrói, com a ferocidade do leão nietzschiano, todos os ídolos: sentidos meramente parciais. Uma luz tênue brilha ao termo desta senda sombria *nel mezzo del cammin di nostra vita*³: ela indica a irrecusabilidade da exigência de *realizar sentido*, pois que o *sem-sentido* só se revela a partir de uma *experiência do absoluto de Sentido*. O *sentido radical, incondicionado*, revela-se então como *espírito* que dá vida, como sopro divinizante, *ar de quem vive* e respira. Reinando *absoluto* sobre o mundo da vida, no seu sobrevôo sereno o *espírito do sentido* nos permite *relativizar* tudo que existe no mundo, e assim construir nossa morada numa perspectiva a partir da qual o mundo, despossuído, se redesenha. Ganha nova luz, vida, cor.

O terceiro estágio do luto conduzido pela mão generosa da sabedoria é aquele que busca estabelecer uma *razão para acreditar*, pelo caminho da liberdade sensata.

Instruído pelo advento da exigência radical de sentido pelo próprio naufrágio no mar do absurdo, o homem que sofre começa a compreender e adentrar sua necessidade íntima e incondicional de *crer* — o que o leva logo a dissociar, a discernir e a *distinguir* a necessidade de *crer* daquela carência inicial em *explicar* a origem de seu mal, seu sofrimento, sua dor. Então ele se dá conta, como por um raio de luz, que é preciso comprometer sua liberdade num *crer para compreender, apesar de...* Acreditar que a vida faz sentido, *apesar de*⁴, é a maneira primordial de *confessar a vida* e integrar as aporias especulativas da sabedoria com o trabalho de luto.

Mas para onde se vai, pela via do luto ajudado pela sabedoria, além desse limiar esperançoso? Diria que o quarto estágio consiste num *dispor-se à realização de sentido*.

A palavra *dispor-se* é aqui essencial: ela expressa a conjunção de *atividade e passividade*, doação e receptividade. Um verdadeiro *dispor-se* é o momento do *real* — o real está *dentro e fora*. Por ser entretecido por doação e receptividade, esse estágio não pode ser apenas racionalizado, e conseqüentemente ensinado: ele deve ser encontrado. Pois é ele um *livre dispor-se à realização do Sentido*, que efetivamente conduz à renúncia da própria queixa, supera a lamentação, e com ela os desejos pelos quais se engendra a queixa. Renuncia aqui a *sábria melancolia* ao componente infantil do desejo de ser libertado do sofrimento e ser recompensado pelas virtudes. Neste estágio — raramente alcançado — chega-se mesmo a discernir no sofrimento um valor educativo, purificador. É aqui que a lembrança do sofrer se converte em *memória agradecida*. O mal encontra perdão, principia a *compaixão*... o homem encontra *consolação* na idéia de que até o melhor homem, os melhores, os mais perfeitos, *sofrem*. É esta consolação uma fonte perene de energia para lutar contra a violência desnecessária no mundo.

E eis que ocorre no luto guiado pela sabedoria uma prodigiosa transmutação do *amor*: a vida e o sentido tornam-se amados... *por nada*. O que esse *amar por nada* quer dizer é simples: indica-se, por ele, que se superou o cativo da queixa no ciclo das retribuições onde a vítima se identifica perpetuamente ao agressor.

Por esse amor em pura perda, pobre, que sobrevive ao luto e já não possui mais nada, nesse *amar por nada*, engendra-se a bondade, e nela, a humanidade do homem.

¹ Palavras de E. Levinas, em *Ética e Infinito*.

² Este livro está traduzido pela Ed. Papyrus, com o título: *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*.

³ Jogo aqui com o célebre verso com o qual Dante inicia a *Divina Comédia*.

⁴ Uma confissão de fé de uma certa denominação cristã, em seus vários artigos, sempre se fazia começar pela palavra *apesar de...*

ARAXÁ

Profissionais comprometidos com a área de saúde mental discutiram, durante reunião da Associação dos Psicólogos de Araxá, no dia 8 de fevereiro, a realidade das ações dessa área na cidade, e do encontro emergiram algumas propostas. O grupo pretende realizar um debate que envolva as instituições afins, no sentido de avaliar o trabalho já existente, e lutar junto à comunidade para ampliar o projeto de cobertura assistencial para o município. Além disso, os psicólogos pretendem buscar a parceria do CRP-04 em discussões com candidatos a prefeito e vereador, com o objetivo de formar uma articulação política no município.

JUIZ DE FORA

O Escritório Setorial do CRP-04 na Zona da Mata está iniciando um núcleo de estudos sobre Ética e Cidadania, a realizar-se às quintas-feiras, às 19 horas, em sua sede, à Av. Barão do Rio Branco, 2679/810. Os interessados em participar devem ligar para (032) 215.6779.

O Instituto Carl Gustav Jung estará promovendo, a partir de março, diversos cursos. "Perfis Femininos" terá duração de um ano e abordará protótipos femininos desde Ulisses, na Odisséia, até as "mulheres de Atenas" de Chico Buarque. "Cinema, História e Sociedade" terá duração de quatro meses e "Nietzsche" está previsto para cinco meses. Inscrições na sede do Instituto Carl Gustav Jung, à Av. Barão do Rio Branco, 2288/1302.

UBERABA

Em janeiro de 96, a Unimed de Uberaba abriu o credenciamento de profissionais da Psicologia para atendimento psicológico oferecido a seus usuários.

Poderão se cadastrar na Unimed os psicólogos que atuem na área clínica. O sistema de trabalho será o mesmo adotado para os médicos, ou seja, trabalho autônomo e sem vínculo empregatício.

Os profissionais que trabalham na área geográfica de atuação da Unimed de Uberaba e tiverem interesse em se credenciar devem procurar a gerência administrativa da entidade, munidos de "currículo vitae", na Avenida Leopoldino de Oliveira, 617 - Centro. Tel: (034) 332.9988.

LIVROS

Assim caminha a Psicologia

A Psicologia, pela sua própria constituição e evolução, se vê, hoje, como ciência e profissão, questionada em seus mais diversos saberes e em sua própria práxis. Nesse contexto, o VIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia (CFP) lançou, no final do ano passado, o livro "**Psicologia no Brasil: Direções Epistemológicas**", com o objetivo de oferecer subsídios à categoria e à sociedade para redimensionar e rever os pressupostos que fundamentam o saber e o fazer psicológicos.

O livro reúne profissionais que há muito vêm se debruçando sobre estas questões, buscando fornecer um mapeamento das diferentes direções epistemológicas com as quais se pensa e se constrói a Psicologia no Brasil.

Assim, o professor Pedro Bertolino abre a edição com o texto "Psicologia: Ciência e Paradigma", seguido do professor Lúcio Roberto Marzagão, que assina o texto "Psicologia, Ciência e Epistemologia". O professor Luiz Cláudio Figueiredo aborda o tema "Investigação em Psicologia Clínica" e os colegas Emmanuel Zagury e Marcus Bentes Carvalho Neto contribuem com "As Fronteiras entre a Psicologia e as Técnicas Alternativas".

A edição ainda traz o artigo "Pesquisa e Pós-Graduação - Psicologia no Brasil", elaborado pela diretoria da ANPEPP, que traça um panorama da forma como as questões epistemológicas vêm sendo tratadas no âmbito da pesquisa, e é concluída com um levantamento de referências bibliográficas relativas à temática do livro.

Com a presente edição, o CFP busca cumprir uma das tarefas da autarquia - contribuir, nos limites de sua competência, para o crescimento da Psicologia como Ciência e Profissão. O livro está disponível para consulta no CRP-04.

Pastor do Espanto

Entrará em cartaz no dia 11 de abril, no Teatro Marília, o espetáculo "Pastor do Espanto". A peça, um musical sob a direção de Fernando Mencarelli, faz uma viagem pelo mundo lúdico do poeta Altino Caixeta de Castro, conhecido como "Leão de Formosa".

O autor, nascido em Patos de Minas em 1916, tem empenhado toda a sua vida no fazer literário. A originalidade da sua obra coloca-a na mesma linhagem de poetas como Manoel de Barros e escritores como Guimarães Rosa.

A atriz Maria Elvira e o ator e músico Maurício Tizumba, que também são responsáveis pela produção, materializam no palco a poética de Altino Caixeta. Assim, a peça é conduzida "do campo da Onça à luz que vem das nebulosas", em um percurso dinâmico e cheio de humor.

O espetáculo tem músicas de Maurício Tizumba e figurinos de Renato Loureiro, e ficará no Teatro Marília até o dia 5 de maio, sempre de quinta a domingo, às 21 horas. Os ingressos custam R\$ 12,00. Os psicólogos que apresentarem a sua carteira do CRP-04 pagam R\$ 9,00.



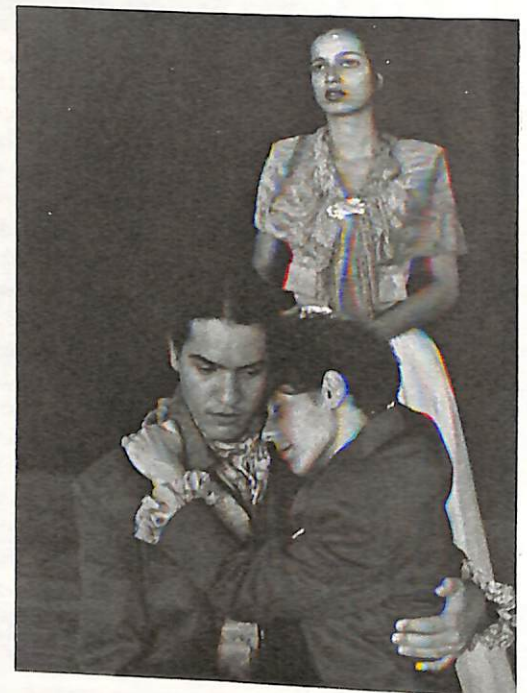
MIGUEL ALUM

Tempestade e Ímpeto

O Teatro Marília, que atravessa uma fase de revitalização e vem resgatando a sua importância como espaço cultural em Belo Horizonte, oferece, a partir de 18 de abril, outra boa opção para quem curte Artes Cênicas - a peça "Tempestade e Ímpeto", dirigida pela atriz Rita Clemente, também responsável pelo roteiro e concepção visual.

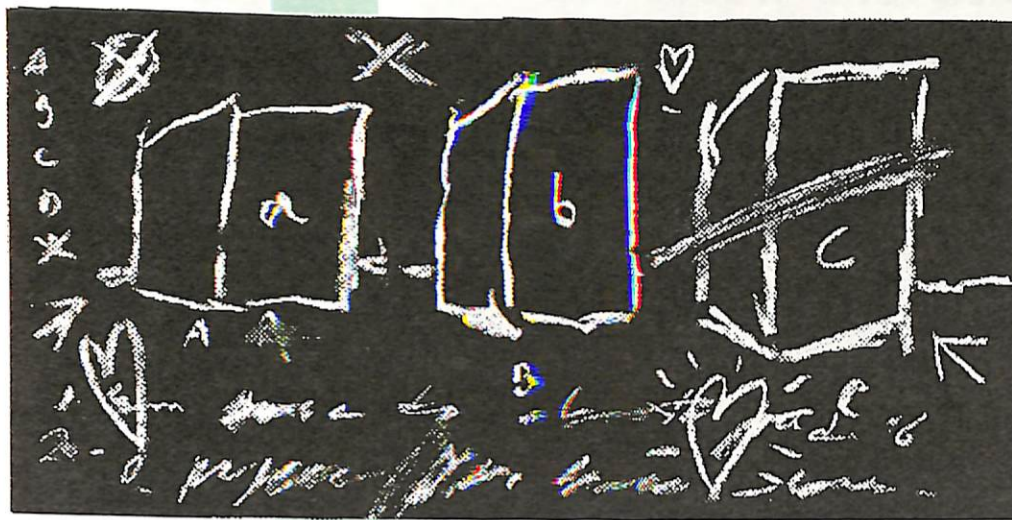
O espetáculo parte da história de Werther, personagem de Goethe que inaugurou o romantismo alemão. A atitude inquieta e anárquica do homem romântico diante de sua arte e da sociedade foi o norteador da montagem. Desenvolvendo-se em vários episódios de estrutura fragmentada, que brinca com as noções de tempo e espaço, a peça faz uma abordagem de questões presentes no texto do dramaturgo alemão, como o erotismo, a sensualidade, o niilismo e o suicídio, sem se apoiar em um discurso moral.

O elenco é formado por Gustavo Schetino e Tina Dias, além da diretora. O figurino é de Ofélia Lott e a iluminação está a cargo de Paulo André. A peça será apresentada de quarta a domingo, sempre às 19 horas. Ingressos a R\$ 8,00. Os psicólogos que apresentarem a sua carteira do CRP-04 pagam meia entrada.



AIECA BRETAS

Esta seção de Idéias conta com a colaboração do psicólogo e psicanalista Lúcio Roberto Marzagão, que vem nos propor uma reflexão sobre o objeto da Psicologia. O autor é mestre em Filosofia e professor adjunto da Fafich/UFMG.



Em busca do Objeto Perdido

Lúcio Roberto Marzagão

O fato da Psicologia, com mais de 100 anos cartoriais, não ter aglutinado um mínimo de dados científicos, acadêmicos e consensuais sobre suas postulações e definições, bem como a proliferação de Escolas e Sistemas, justifica uma certa dose de ceticismo sobre seu grau de cientificidade, pelo menos a cientificidade proposta pelas ciências naturais e órgãos financiadores de projetos de pesquisa. Existem tantas psicologias quanto psicólogos. E, se há algum tempo esta constatação podia se constituir em motivo de pudor diante das "ciências mais avançadas", proponho que a tomemos como uma lição: o ser humano não suporta uma teorização fechada. A evidência está diante do nariz de qualquer pessoa que se digne a consultar enciclopédias, manuais e a história do pensamento.

Considero que os problemas postos pelos filósofos gregos continuam apresentando a maior atualidade e relevância. Se queremos a promoção do valor e peso da interlocução dialógica como instrumento máximo de "pesquisa" e reflexão, leiamos Sócrates e sua Maiêutica; como não podemos fazê-lo diretamente, vamos aprender um pouco de Literatura com Platão; e, que tal estudarmos lógica e os primórdios da Hermenêutica com Aristóteles?

Os filósofos que se seguiram, da mesma forma, levantaram questões pertinentes até os dias atuais; como considerar ultrapassadas as idéias de Francis Bacon sobre os ídolos e as falsas noções que habitam o intelecto humano, bloqueando: os ídolos da tribo (inerentes à natureza humana), os ídolos da caverna (inerentes ao indivíduo), os ídolos do foro (inerentes às relações humanas) e os ídolos do teatro (as teorias científicas!) ? Lembremo-nos do Nominalismo de Thomas Hobbes que rejeita toda realidade universal que aspire correspondência a conceitos e palavras. E naturalmente não poderíamos omitir Descartes e seu Discurso do Método, onde inaugura, juntamente com outros filósofos, a ciência moderna e o Cogito Cartesiano. Por qual motivo a Psicologia insiste em se desvencilhar da Filosofia e tornar-se ciência?

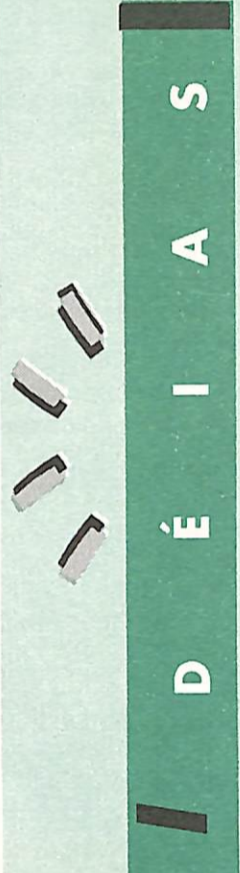
No século XIX começam a surgir conspirações visando a separação da Filosofia. São ilustrativos Wundt com suas pesquisas empíricas sobre sensações e Fechner com sua Psicofisiologia, prometendo naturalizá-las; e também o Estruturalismo de Titchener com a técnica da introspecção controlada, visando descrever e classificar os conteúdos da consciência; muitos movimentos tiveram lugar com grande multiplicidade. Mas foi com o Behaviorismo de J.B. Watson que a pretensa ciência, efetivamente, perdeu seu objeto. Watson associou suas idéias com as do fisiologista russo Ivan Pavlov e declarou a morte da Psicologia que o antecederia, afirmando que só a pesquisa empírica sobre o

comportamento (Behavior) libertaria a Psicologia do jugo das meras intuições. As idéias de Watson influenciaram um estudante de língua inglesa, B.F. Skinner, que em 1938 publicou O Comportamento dos Organismos, que logo converteu-se em bíblia da Nova Psicologia, criando a expressão Análise Experimental do Comportamento, ciência que estuda o condicionamento operante (comportamento) e as condições que podem facilitar sua ocorrência ou bloqueá-lo.

Rastreio a história com o objetivo de provocar, dizendo que os cursos de Psicologia implodem vocações de interessados na alma humana. Quando o (a) jovem chega à Psicologia, está seguramente interessado (a) no que, argumento, seja o seu objeto perdido: as paixões humanas. As mesmas paixões que moveram filósofos, intelectuais e acadêmicos de todos os tempos e latitudes. Entretanto, logo enfrenta o esvaziamento do seu desejo de aproximar-se de si mesmo e do outro; recebe uma retumbante artilharia crítica contra a paixão; induzem-no e conduzem-no para realizar "pesquisas" ou replicar outras realizadas há 50 anos; suas preocupações filosóficas, literárias, amorosas passam a ser olhadas de esguelha. Ao longo do curso, alguns pensam encontrar guarida na Psicanálise, mas eis que encontram um texto e interpretação de Freud devidamente naturalizado e tecnicizado pela tradição, tradução e traição inglesas.

Poderemos surpreender o estudante se lhe perguntarmos: qual o objeto da Psicologia? Uns dirão, provavelmente com certa astúcia e arrogância, que é o comportamento; dirão, ainda, que o objeto de qualquer ciência é o comportamento; a Astronomia estuda o comportamento dos astros; a Química o comportamento das moléculas; a Fisiologia, o comportamento dos órgãos e funções. Grande resposta. Vamos também encontrar aqueles que simplesmente dirão que seu objeto deriva, naturalmente, de sua etimologia; logo, está interessado na alma humana. Enfim, serão inumeráveis as definições e postulações sobre o objeto frente às diferentes Escolas, preferências e paixões por professores e métodos.

Então, uma sugestão: se querem saber qual o objeto desta velha-nova ciência, abandonem a Academia e seus vícios intelectualistas. Releiam as obras que os levaram ao curso, tais como Dom Casimiro, de Machado de Assis, Grande Sertão, de Guimarães Rosa, Crime e Castigo, de Dostoiévski, As Afinidades Eletivas, de Goethe, Cartas para um Jovem Poeta, de Rilke, Fragmentos de um Discurso Amoroso, de Barthes, e mais algumas centenas de autores encantados pelos enigmas da Alma Humana. Poderão constatar a existência de algo em comum entre o belo sonho adolescente e a temática destas grandes obras. Respeite-se, e comece por redescobrir que os filósofos, escritores, poetas e psicólogos criadores de Escolas e seitas tiveram como berço o desejo de entender o que é que eu falo que me aproxima ou me distancia do outro. Não poderia ser esta a dimensão interlocucionária do objeto perdido?



A RESOLUÇÃO CFP 007/94

Ementa: institui e regulamenta as condições para concessão de atestados psicológicos, para efeito de licença saúde.

O Conselho Federal de Psicologia, no uso de suas atribuições legais e regimentais:

Considerando que o psicólogo é um profissional que também atua na "Saúde", com fundamento, inclusive, na caracterização efetuada pela OIT, OMS e CBO;

Considerando que o parágrafo 1º do artigo 13 da Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962 estabelece que é função do psicólogo a elaboração de "diagnóstico psicológico";

Considerando que o psicólogo pode diagnosticar condições mentais que incapacitem o paciente para o trabalho e/ou estudos;

Considerando que o psicólogo pode diagnosticar outras condições mentais que ofereçam riscos para o paciente e para o próprio meio ambiente onde se insere;

Considerando que para o devido restabelecimento do equilíbrio mental do paciente é muitas vezes necessário seu afastamento das atividades laborais ou de estudos;

Considerando que este Conselho Federal de Psicologia entende que é facultado ao psicólogo o uso do Código Internacional de Doenças - CID, como fonte para enquadramento de diagnósticos. Mais especificamente, adotando-se como referência para o psicodiagnóstico a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento do CID;

Considerando que é atribuição do psicólogo a emissão de atestado psicológico circunscrito às suas atribuições profissionais e com fundamento no diagnóstico psicológico produzido;

Considerando que tal medida visa, sobretudo, promover a saúde mental, garantir as condições de trabalho necessárias ao bem estar individual e social, valorizando os direitos do cidadão;

Considerando, ainda, que a matéria tem sido objeto de inúmeras consultas à assessoria jurídica deste Conselho Federal, que foi regulada por Resolução pelo CRP-06, no âmbito de sua jurisdição e que foi objeto de deliberação no 1º Congresso Nacional da Psicologia;

Resolve:

Art. 1º - O Psicólogo, ao diagnosticar "Transtornos Mentais e de Comportamento" conforme previsto no CID; poderá no âmbito de sua atividade profissional, emitir atestados de afastamento do paciente de suas atividades, por motivo de saúde.

Art. 2º - Fica o psicólogo obrigado a manter em seus arquivos a documentação técnica que fundamente o atestado por ele concedido e a registrar as situações decorrentes da emissão do mesmo.

Parágrafo Único - Os Conselhos Regionais poderão, a qualquer tempo, suscitar o psicólogo a apresentar a documentação a que se refere o "caput" para comprovação da fundamentação científica do atestado.

Art. 3º - No caso da incapacidade do paciente ultrapassar a 15 (quinze) dias, este deverá ser encaminhado pela empresa à Perícia da Previdência Social, para efeito de concessão de auxílio-doença.

Art. 4º - O atestado emitido pelo psicólogo deverá ser fornecido ao paciente, que por sua vez se incumbirá de apresentá-lo a quem de direito para efeito de justificativa de falta, por motivo de saúde.

Art. 5º - O psicólogo será profissionalmente responsável pelos termos contidos no atestado emitido, devendo cumprir seu mister com zelo e competência sob pena de violação, dentre outros, do art. 2, alínea "m" do Código de Ética Profissional do Psicólogo.

Art. 6º - Os casos omissos serão resolvidos pelos Conselhos Regionais.

Art. 7º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 28 de outubro de 1994

Ana Lúcia Francisco - Conselheira Presidente

HONORÁRIOS

O CRP-04 leva ao conhecimento de seus inscritos, clínicas, empresas e profissionais autônomos prestadores de serviços de Psicologia a tabela de referência mínima com valores atualizados para o mês de abril de 1996 (o valor da LUP - Unidade de Serviços de Psicologia manteve-se o mesmo desde julho de 95):

UP = R\$ 0,47 (Correção feita pelo IPC-R)

Os serviços abaixo descritos passam, portanto, a ter os seguintes valores mínimos para sua prestação:

Psicologia Organizacional

- Recrutamento (por vaga preenchida):
Obs: cobrança percentual em relação ao salário do cargo (custo empresa).
Até 1 salário mínimo e meio: 100%
Acima de 1 salário mínimo e meio: 75%
- Avaliação Psicológica (por laudo):
Nível Operacional: 55 UPs = R\$ 25,85
Nível Técnico: 80 UPs = R\$ 37,60
Nível Superior: 100 UPs = R\$ 47,00
- Treinamento (por hora de atividade): 130 UPs = R\$ 61,10
- Consultoria (por hora de atividade): 200 UPs = R\$ 94,00

Psicologia Clínica

- Atendimento Psicológico: Individual: 59 UPs = R\$ 27,73
Em grupo (por participante): 35 UPs = R\$ 16,45
 - Psicodiagnóstico: 582 UPs = R\$ 273,54
 - Orientação Vocacional: 466 UPs = R\$ 219,02
 - Atendimento Externo (hospitalar, domiciliar e outros): 140 UPs = R\$ 65,80
- Para qualquer esclarecimento, entre em contato com a Câmara de Orientação e Fiscalização do CRP-04 (COF).

BALANÇO

31 DE DEZEMBRO DE 1995

RECEITA ORÇAMENTÁRIA

RECEITAS CORRENTES	
• Receita de Contribuições (anuidades de pessoas físicas e pessoas jurídicas)	494.271,69
• Receita Patrimonial (aplicações financeiras/cadernetas de poupança)	147.567,72
• Receitas de Serviços (inscrições de pessoas físicas e jurídicas/2ª vias de carteiras)	14.638,93
Outras Receitas	71.784,41
Total Geral	728.262,75

DESPESA ORÇAMENTÁRIA

DESPESAS CORRENTES	
• Despesas c/ pessoal (vencimentos e vantagens/ despesas variáveis/ despesas c/ transporte/ plano global de benefícios/ outras despesas variáveis/ obrigações patronais)	422.947,47
• Material de consumo/ serviços de terceiros e encargos/ remuneração de outros serviços de terceiros/ serviços de assessoria	21.868,34
DESPESAS DE CUSTEIO	
• Transferências correntes (cota parte do C.F.P. / contribuições a Fundo Revista e Pases)	444.815,81
SUPERÁVIT DO EXERCÍCIO	283.446,94
	728.262,75

Os interessados em conhecer o balanço integral do CRP-04 podem recorrer ao setor de contabilidade do Conselho.

SETORIAIS

Escritórios setoriais do CRP-04 em Minas Gerais e no Espírito Santo

Espírito Santo (EES) - Representante: Ronaldo Pazini/Warangoni Júnior - Praça Getúlio Vargas, 35 sl 820 Centro, Vitória, ES - Cep 29010-350. Tel.: (027) 222-7394.

Triângulo Mineiro (ESTM) - Representante: Vicente de Paulo Marques de Almeida - Rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro, Uberaba - Cep 38010-040 - Tel.: (034) 333-6522.

Zona da Mata (EZM) - Representante: Américo Galvão Neto - Avenida Barão do Rio Branco, 2.679/810 - Ed. Sela Central, Juiz de Fora - Cep 36010-012 - Tel.: (032) 215-6779.

Uma polêmica entre psicólogos e médicos a respeito da resolução do atestado psicológico é o assunto de Diversidade. Mesmo já sendo de conhecimento público, o JP está publicando a resolução na íntegra, na página ao lado. Confira.

ATESTADO PSICOLÓGICO

Sob a discussão técnica oculta-se uma questão política

Ao emitir a resolução 007/94, que "institui e regulamenta as condições para concessão de atestados psicológicos para efeito de licença de saúde", o 8º Plenário do Conselho Federal de Psicologia (CFP) já imaginava que ela geraria polêmica. E foi o que aconteceu.

A medida veio complementar tardiamente a lei 4.119/62, de regulamentação da Psicologia, que estabelece como função do psicólogo a elaboração de diagnóstico psicológico, e tem sido aceita por várias entidades mesmo não constando ainda da legislação, como é o caso dos atestados médicos e odontológicos.

No entanto, a consulta de um médico da PMMG ao Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais detonou a polêmica em torno do que, na visão de muitos profissionais, não estaria em questão. O CRM remeteu a consulta ao Conselho Federal de Medicina, e este adotou um parecer da Associação Brasileira de Psiquiatria contrário à resolução, que também será adotado pelo CRM/MG. Após esse percurso, o CFP tem se reunido com o CFM, na tentativa de entender a oposição dos médicos ao atestado psicológico.

Argumentação insuficiente

O parecer da ABP coloca dois argumentos contrários à resolução - que o CFP não teria competência para legislar sobre a matéria e que os psicólogos não poderiam utilizar o CID - Código Internacional de Doenças - para emitir o diagnóstico que constará do atestado. Tanto o primeiro quanto o segundo argumento encontraram oponentes, o segundo tendo sido criticado pelo próprio presidente da Associação Mineira de Psiquiatria, o psiquiatra Hélio Lavar (ver entrevista ao lado).

A primeira alegação é rebatida pelo advogado Stanley Martins Frasnão, conselheiro da OAB/MG. Ele afirma não detectar "nenhum problema jurídico que afete a resolução, porque ela foi assinada por quem é de direito, a presidente do CFP. Considerando que ela tem os poderes para tal, e que a resolução não fere a lei 4.119/62, não vejo nenhum problema", conclui.

Em parecer sobre a questão, o assessor jurídico do CRP-04, Rodrigo da Cunha Pereira, afirma que "ninguém mais capaz de dizer sobre as condições mentais de uma pessoa do que o profissional que fez sua formação para isso: o psicólogo. A exceção do médico com especialidade em Psiquiatria, deve-se a barrar aqueles que vêm atestando a capacidade mental de seus pacientes. Em outras palavras, diagnóstico e, conseqüentemente, atestado psicológico, é de competência exclusiva dos profissionais que têm formação em saúde mental. Se a lei 4.119, que é de 62, já havia traduzido este entendimento, muito mais razão

agora assiste a Resolução CFP 007/94", enfatiza.

Interessante notar que a Associação Brasileira de Psiquiatria se opõe à idéia de o psicólogo emitir atestado de saúde mental, mas não se preocupa em questionar o fato de a legislação do atestado médico estabelecer que qualquer médico pode emitir atestado de qualquer natureza.

Ainda quanto ao aspecto legal da medida, o ex-presidente do Conselho Regional de Odontologia de MG e professor da UFMG, Badéia Marcos, entende que "a resolução é inteiramente legítima, pois o atestado é um direito inerente do profissional que faz diagnóstico. Ele não só diagnostica como também avalia as implicações do estado de seu paciente ao exercer suas atividades".

Familiarizado com a legislação dos Conselhos, Badéia Marcos afirma que o assunto "é objeto, sim, de regulamentação do próprio Conselho, porque quando a lei criou essa autarquia para regulamentar as profissões, foram transferidos a ela todos os direitos sobre o exercício da profissão. Desde que não fira os direitos das pessoas".

Uma questão política

Quem analisa a questão vê nela algo mais que uma simples inadequação jurídica. Em seu ponto central configura-se uma questão política, referente à delimitação de campos de atuação dos profissionais da saúde. A psicóloga Kátia Botelho, professora de Ética do Departamento de Psicologia da Fafich/UFMG, demonstra surpresa quanto ao fato da resolução ser criticada por alguns setores da Medicina - "isso, inclusive, nos faz pensar que há alguma suspeita sobre a competência do profissional de Psicologia para atuar nesse tipo de trabalho. É uma coisa absurda e contraditória, porque é justamente o trabalho para o qual ele é treinado", analisa.

A psicóloga entende que "deveria ser inquestionável a competência do psicólogo para dar tal atestado. Ele estuda e se profissionaliza no sentido de trabalhar com saúde mental. Já é curioso que esse tipo de prerrogativa não tenha sido dada ao profissional desde o início. Resta saber porque os nossos colegas médicos estariam tendo dificuldade de aceitar esse tipo de Resolução".

Quanto ao referido atraso na legislação - o atestado odontológico, por exemplo, faz parte da lei de regulamentação da profissão de dentista, enquanto o atestado médico consta de um decreto-lei de 1932 e do Código de Ética da profissão - Kátia o vê como uma questão de ordem política, uma vez que "a Medicina tem um campo de poder muito mais antigo que a Psicologia".

De acordo com a psicóloga, a polêmica formada é uma oportunidade para o diálogo, "e se porventura estiver ocorrendo alguma falha no saber de um desses campos, que o outro venha a apontar essa falha para que nós possamos nos aperfeiçoar e fazer um trabalho em conjunto, de transformação do outro, em nome de servir aos que nos procuram o melhor possível".

Kátia Botelho acredita que a resolução é mais um passo no sentido da Psicologia se firmar como profissão. Nesse sentido, a psicóloga Cristina Dellaretti, que trabalha em uma equipe de saúde multidisciplinar de uma policlínica da Prefeitura de Ouro Branco/MG, também acredita que a Resolução veio legitimar o papel do profissional da Psicologia - "Ela marca um lugar profissional sério, de maior responsabilidade." Cristina afirma que em Ouro Branco a resolução já foi colocada em prática sem problemas, e os 15 psicólogos da equipe têm conseguido trabalhar em parceria com médicos e demais profissionais da saúde.

DIVERSIDADE

Presidente da Associação Mineira de Psiquiatria discorda da ABP

Em entrevista ao JP, o psiquiatra Hélio Lavar, presidente da AMP, reconheceu a competência do psicólogo para emitir atestado de saúde mental, demonstrando, com isso, que a posição assumida pela Associação Brasileira de Psiquiatria está longe de ser uma unanimidade entre os psiquiatras, não sendo compartilhada nem mesmo pelo presidente de uma de suas filiais. A seguir, trechos da entrevista.

O CFP baixou uma resolução permitindo que o psicólogo emita atestado de saúde mental. O senhor concorda e que o psicólogo tem condições de diagnosticar?

Leciono na escola de Psicologia da PUC/MG desde 1986, e lá quem ensina a fazer diagnóstico sou eu e uma colega. Durante um ano esses psicólogos estudam diagnóstico psiquiátrico e diagnóstico psicanalítico. E a noção de diagnóstico é repetida em outras disciplinas, como nas de psicodiagnóstico propriamente dito, de testes, e em especial da área de clínica. Então, se o psicólogo tem a aprovação da Universidade nessas disciplinas, é porque alguma experiência e algum nível de competência ele tem em relação ao diagnóstico. Obviamente essa questão do melhor diagnóstico a ser formulado é uma variação entre a grande massa de estudantes. Mas isso não é diferente da escola de Psiquiatria, porque coincidentemente eu dou aula numa residência de formação de psiquiatras, e eles também têm um ano de aulas sobre diagnóstico. Agora, observando no campo da escola médica, e não da especialização em Psiquiatria, já dei aula também na UFMG para graduação de Medicina, e acho que o fato do sujeito ser médico puro e simplesmente, formado pela UFMG que é uma boa escola, não dá para ele a mesma competência para o diagnóstico psiquiátrico. Com isso quero dizer que diagnosticar é uma estratégia que vem do discurso médico, mas não é propriedade do médico. É de quem sustenta esse discurso. Seja psicólogo ou médico.

Podemos dizer que o diagnóstico e o atestado de saúde mental devem ficar a cargo do médico psiquiatra ou do psicólogo?

Qualquer profissional admitido no mercado pelos pactos sociais que garantem a sua formação pode emitir um atestado ou laudo de saúde mental. Agora, sob o ponto de vista de um atestado que tenha finalidades legais, para afastamento de saúde, para aposentadoria, licenças e coisas do gênero, a tradição no país é que seja um atestado médico. É a tradição. Não quer dizer que isso não pode mudar, acho que pode mudar. Desde que sejam feitos pactos sociais e políticos necessários para que esses atestados emitidos por psicólogos ou por outro profissional sejam aceitos. Além disso, esse é um campo de grande corrupção no país. Então, tudo é questão dos pactos sociais e políticos que regem a validação desse atestado ou não. Agora, em termos de competência profissional, acho que o psicólogo tem competência e o médico também tem. Mas é bom que se saiba o seguinte: nesse campo não está em jogo só a competência - está em jogo também a responsabilidade legal pela emissão do atestado. É preciso saber se a pessoa tem competência e se está disposta a assumir os riscos do atestado por ela assinado. Tanto faz seja médico ou psicólogo.

A resolução do CFP estabelece que o psicólogo vai emitir o atestado com base no CID - Código Internacional de Doenças. E o parecerista da ABP alegou que os psicólogos não podem utilizar o CID, porque ele seria exclusivo de médico. O CID é realmente exclusivo de médico? Respeito muito o professor Luis Salvador de Miranda Sá, que é professor titular da Universidade Federal do Mato Grosso e presidente da ABP, mas sinto muito, não posso concordar com essa idéia de que o CID é prioridade ou prerrogativa do médico. CID, o nome já diz, é Código Internacional de Doenças, é um acordo internacional que tenta uniformizar, sob o leito da taxonomia, uma maneira comum a todos de se fazer diagnóstico e de se comunicar o que se vê ao nível do campo de diagnóstico. É uma linguagem comum aos profissionais da saúde que estejam interessados em fazer diagnóstico, e uma vez que o diagnóstico é uma construção (pelo menos o do CID) a partir do discurso médico, então é um diagnóstico no discurso médico, mas o discurso médico não é prerrogativa do médico, é de todo aquele que sabe usar esse discurso.

Qual a sua opinião sobre a lei permitir que qualquer médico emita qualquer atestado, mesmo não sendo da sua própria especialidade? Depende do médico que está dando o atestado psiquiátrico. Um médico que não fez formação em Psiquiatria tem mesma competência para dar um atestado de saúde mental que supostamente um psicólogo teria. Essa comparação é péssima, mas de qualquer maneira vale. Eu, por exemplo, mesmo sendo médico, não daria um atestado, se tivesse fora da minha competência. Se soubesse avaliar, eu daria. Mas se não soubesse, encaminharia para um colega. Além disso, hoje essa questão do afastamento de trabalho e aposentadoria por distúrbio mental é um grande problema, porque se o atendimento de saúde mental é moderno, o que se procura não é mais afastar, o que se procura é reabilitar. Quero saber quem é que sabe fazer isso. Saber fazer atestado para afastar, dar licença e aposentar é muito fácil. Ainda mais num país como o nosso, em que muitas vezes não tem Psiquiatria, tem é "psiquiatriainha".

Em sua nova versão, o JP abre espaço para a abordagem da história da Psicologia em Minas Gerais e no Espírito Santo. Nesta página encontraremos fatos e personagens que construíram os fazeres da Psicologia através dos anos. E para abrir a seção, ninguém melhor que o psicólogo Pedro Parafita de Bessa, professor Emérito da Fafich/UFMG e profundo conhecedor das raízes da nossa profissão. Em seu texto, ele traça um resgate dos primórdios da Psicologia em Minas.

Pedro Parafita de Bessa

Notas e achegas para uma história da Psicologia

A história da Psicologia regional de Minas Gerais e de Belo Horizonte ainda não foi feita e apresenta várias dificuldades, algumas de ordem geral, outras específicas da situação do Estado de Minas Gerais.

Como o Brasil é país peritérico, sem a tradição científica da Europa, e mesmo dos Estados Unidos, estudos monográficos desse tipo dificilmente vão revelar contribuições relevantes para o desenvolvimento da ciência como um todo. O interesse maior é para nós brasileiros, ou mineiros, pois vai revelar como pessoas isoladas, ou pequenos grupos de pessoas, com muito maiores e mais numerosas dificuldades do que nós, acenderam a chama do interesse pela nossa matéria. É interessante, pois, de justiça e, de modo principal, motivacional.

Faltava a Minas Gerais unidade do ponto de vista geográfico. Certas regiões, algumas muito importantes, eram quase ilhas em relação ao centro político e administrativo que era, até o final do século passado, Ouro Preto, e, a partir deste, Belo Horizonte. Assim, o que poderia estar acontecendo em outras cidades e regiões talvez não chegasse até esses centros maiores, nem como notícias informativas.

Assim, para fazer estudo histórico exaustivo da Psicologia em Minas Gerais, muito esforço deverá ainda ser feito. Não é nossa pretensão realizar tão ambicioso projeto neste artigo.

Em primeiro lugar, penso que poderemos dividir a história da Psicologia em Minas Gerais em três períodos. Ao primeiro, chamaríamos, tomando a expressão em sentido bem diferente do que tem na historiografia geral, de *pré-história*. Iria dos tempos de Colônia até 1929. Por volta dessa última data começa em Minas Gerais estudo sistemático de Psicologia Educacional, com a fundação do Curso de Aperfeiçoamento de Professores. Ao período que começa em 1929 e vai até, aproximadamente, 1962, chamo de *proto-história*. O ano de 1962 é o ano legal da criação dos cursos de Psicologia e da regulamentação da profissão. A partir dessa época começaria a *história* da Psicologia propriamente dita.

É evidente que, para ser exaustiva, a história deveria focalizar o ensino, os trabalhos de aplicação, escritos (livros, teses, manuais, conferências, artigos etc.), os possíveis centros de pesquisa e divulgação, as sociedades científicas e tudo mais que caiba no âmbito da Psicologia como ciência ou tecnologia.

Vou limitar-me a tratar de alguns pontos da proto-história. O que fixei como limite inicial do período é a data da fundação do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento dos Professores. Trata-se do centro oficialmente organizado com as finalidades simultâneas de ensino, pesquisa e aplicação da Psicologia. Teve influência muito marcada na melhoria do ensino primário do Estado, no estabelecimento de padrão internacional de ensino e pesquisa da Psicologia, na criação de áreas de aplicação de acordo

com rigorosa metodologia de observação, investigação e prática. Essa Escola e seu Laboratório se tornaram centros de referência para vários outros Estados.

Podemos nos indagar a que se deveu esse prestígio. Em primeiro lugar, ao investimento na montagem do Laboratório nos moldes dos existentes na Europa. Em segundo, à contratação de especialistas de altíssima competência. Por período de aproximadamente um ano, o Prof. Leon Walter. Logo em seguida, em 1930, a Profa. Helena Antipoff. Esta, com sua grande capacidade científica, sua grande dedicação à ciência e à educação, sua simpatia e espírito público, sua solidariedade social, firmou definitivamente o laboratório de Psicologia como centro exemplar de mudanças em nosso ensino e em atitudes de nossa população. Com D. Helena Antipoff, a Psicologia mineira se liga diretamente à tradição científica européia que deu origem à Psicologia: foi aluna de Edouard Claparède, que foi aluno de Theodore Flournoy que, por sua vez, foi aluno de Wilhelm Wundt.

Em 1939, com a fundação da então Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, depois Faculdade de Filosofia da UFMG, atualmente Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, D. Helena é uma das fundadoras do ensino de Psicologia, no terceiro grau, em Minas Gerais, pois aí ocupou como titular a cadeira de Psicologia Educacional.

Em 1956, D. Helena Antipoff conseguiu contratar, por um ano, o Prof. André Rey, da Universidade de Genebra. Com seu curso de Psicologia Experimental da Aprendizagem, esse professor teve grande influência no desenvolvimento da Psicologia em Minas Gerais, pois foi professor de vários psicólogos que se distinguiram tanto no ensino superior quanto em vários campos de aplicação. Foi sob sua inspiração que se fundou a Sociedade Mineira de Psicologia.

Em 1947, mudou-se para o Brasil o Prof. Emilio Mira y Lopes. Ele foi, naquele ano, contratado pela Fundação Getúlio Vargas para fundar e dirigir o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), daquela instituição. Veio, pouco depois, a Belo Horizonte ministrar um curso de férias pela Secretaria de Educação. Propôs ao Secretário da Pasta, Prof. Abgar Renault, criar, aqui, serviço semelhante. O governo do Estado aceitou a sugestão e criou, em 1949, o Serviço de Orientação e Seleção Profissional, do Instituto de Educação de Minas Gerais, hoje incorporado à Universidade do Estado de Minas Gerais como Centro de Psicologia Aplicada. O primeiro diretor do SOSP foi o Dr. Symcha Jerzy Schwarzstein, doutor em Psicologia pela Universidade de Genebra, onde realizou estudos sob a supervisão de Jean Piaget. Também esse serviço se tornou ponto de referência, recebendo estagiários de vários outros Estados. Desenvolveu sua atuação em trabalhos de orientação vocacional e profissional, em

serviços de seleção para escolas, empresas públicas e privadas. Mais tarde introduziu atendimento psicoterápico para crianças e adolescentes da rede escolar.

Em 1958, a Universidade Católica, por empenho do Reitor de então, criou o primeiro curso de nível universitário de Psicologia em Minas Gerais. A base de sua estruturação foram cursos semelhantes existentes nas Universidades Católicas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Com a lei de 1962 ele rapidamente se enquadrou em suas exigências.

Com a lei 4119, a Faculdade de Filosofia da UFMG também criou o seu Curso de Psicologia, que começou a funcionar em 1963. O desenvolvimento deste e do curso da Universidade Católica já fazem parte da história da Psicologia em Minas.

Ainda da época da proto-história devem ser mencionados os trabalhos desenvolvidos no Banco de Crédito Real de Minas Gerais e no Banco da Lavoura de Minas Gerais. O primeiro, de dimensões modestas, dirigido pela Profa. Dulce Botelho Junqueira, e o segundo, de grandes dimensões e com repercussão internacional, pelo Prof. Pierre Weil. Chegou esse serviço, fundado em 1958, a contar com cerca de cento e cinquenta funcionários. Muitos professores dos cursos de Psicologia que aqui se fundaram receberam treinamento e influência desse serviço.

Ainda na década de 50, por exigência legal de exames psicotécnicos para motoristas, se criou, no Departamento de Trânsito, um Gabinete Psicotécnico. Foi muito bem aparelhado pelo Governo do Estado. Foi dirigido inicialmente pelo médico psiquiatra José Nava e, posteriormente, pelo Dr. Paulo Saraiva. Publicou, durante algum tempo um boletim, o GP em Trânsito, com artigos técnicos de sua área.

Para completar essa análise perfunctória da proto-história da Psicologia em Belo Horizonte, já na fase de transição para a história, dois pioneiros devem ser lembrados: o primeiro, a Profa. Maria Sílvia Machado, pelo seu trabalho com processos de diagnóstico e tratamento na área psicomotora. O segundo, o Prof. Malomar Lund Edelweis, que aqui aportou em 1963 e criou o primeiro centro de formação sistemática de Psicanálise de Minas Gerais.

Com esse rápido esboço penso que me referi aos pontos marcantes da proto-história da Psicologia em Belo Horizonte, que não deve diferir muito da de Minas Gerais. Analisar em pormenor a influência de cada uma dessas pessoas e instituições é matéria para estudo mais desenvolvido, que não cabe nas dimensões deste artigo.